Catálogo ilustrativo

Idealização:

Jurubeba Produções

Sumário

TerritóRIO, experimento antropológico cultural
Alessandra Castañeda, direção geral e curadoria 4

Texto de Fausto Fawcett
Cantor, compositor, escritor 6

Texto de Sandro Garcia
Baixada Cine, curta-metragista e produção 14

Texto de Beatriz Rodrigues
Baixada Cine, curta metragista e produção 16

Texto de 1demarsso
Baixada Cine, curta-metragista, registro de fotos e vídeos 18

Texto de ILME
Artista visual e grafiteiro 19

Texto de Kellvn
Rapper e geógrafo 20

Sobre Fausto Fawcett 21

Sobre Baixada Cine 22

Sobre ILME 23

Sobre Kellvn 24

Gardênia Tatuada, um conto de Fausto Fawcett 30

Criações artísticas 41

Impressões Territoriais 56

Texto de Cris Lacerda
Educadore em História, Filosofia e Sociologia; presidente-fundadore da ONG Gardênia Azul Diversidade 57

Gardênia Azul 62

A Baixada de Jacarepaguá 63

Jacarepaguá 64

Ficha técnica 66

RIO

TerritóRIO, experimento antropológico cultural

Alessandra Castañeda, direção geral e curadoria

A produção cultural é gincana que dinamiza a rotina, nada será como o planejado, mas as soluções criativas, quando chegam, são endorfinas, são sinapses. São enfrentamentos sociais, tecnológicos, orçamentários, armados, culturais. Não é sobre plantar um projeto, é sobre viver um território.

A ideia central da série de multilinguagens TerritóRIO é a vivência em bairros que inspira Fausto Fawcett a criar contos ficcionais e, a partir da transposição literária, nos aproxima, de forma laboral e experimental, da produção de artistas. Na articulação da ocupação ético-estética, contamos sempre com agentes culturais que costuram o mapeamento afetivo das potências artísticas locais. Temos a intenção de realizar descobertas e mergulhos antropológicos em 10 TerritóRIOs e, após as improváveis experiências, publicar a coletânea dos contos em um livro-memória, além de lançar, durante o processo, o "ataque estético, sensorial, sensual, hipnótico, musical, filosófico religioso, reciclante, urbano à comunidade de onde vieram". Lançar para além das fronteiras.

A parceria com Fausto é baseada em uma amizade de mais de uma década, com sede investigativa e identificação criativa; scanner observacional decifrando arqueologias territoriais; pulsações artísticas, construções existenciais, afetos com dispositivos.

E, com esse apetite, partimos para Gardênia Azul. Sou cria da Praça Seca, nos anos 80, vi Gardênia Azul dizendo que não era Anil. Em 2023, vi Fausto, e toda equipe reunida, dizendo que "Não é Curicica, não é Freguesia, não é Colônia, não é Praça Seca, não é Pechincha, não é Tanque, não é Rio das Pedras. É Gardênia Azul". Adentrei, conversei com os moradores, aproveitei o rodízio de caldo de cana num sol de 60 graus, molhei os pés na poça d'água em dia de chuva, vi passar a Folia de Reis, contribuí para a vaquinha de Cosme e Damião; construí amizades, me alimentei da cultura-jacarepaguá, que é minha também, em um lugar que só conhecia como paisagem de passagem na infância e juventude. Ampliar a visão enquanto vivia o território foi substancial para a reação dos desdobramentos que viriam.

Desafio aceito, com parcerias que trazem segurança prática e emotiva. Rafael Oliveira, pelo Favela Vertical, nos trouxe as indicações artísticas, a companhia nas vivências territoriais, a base dos encontros laborais, os melhores lanches, as melhores relações locais. Sandro, carrega tanta coisa que faltam palavras. Articulou sua relação com oficinas audiovisuais no Favela Vertical para o projeto, e foi, no estilo "cinema de pedreiro", pertencendo à Gardênia, quanto pôde, pertencendo à Bel (Belford Roxo) sempre. Trouxe, na mochila e no coração, Beatriz e Pedrin, integrantes do coletivo Baixada Cine, com a visão da produção audiovisual. Juntos, produziram o curta-metragem "Cidade Experimento" e os registros do processo do projeto, com toque de recolher, adaptações de roteiro, mudanças de rotas, na sabedoria de produzir arte e também reforçar posições políticas. Kellvn, cria da Gardênia, somou com suas referências teóricas em geografia social e se encontrou com nossos pensamentos e transbordou a história da Rua H. Conseguiu, com a articulação de Juliana Jacob, reunir vizinhos que são a representação local, reforçando o simbolismo de ter uma rua intacta diante da disputa territorial por grupos armados.

Kellvn mostrou, na música “Clássico”, a representatividade, a malemolência das relações, a concretude dos encontros, que estimulam pertencimentos, acolhimentos. Na mesma via, Ilme entendeu que o melhor lugar para criar o painel de graffiti “Gardênia”, inspirado no conto de Fausto, é em frente ao morador que um dia, lá pelo fim dos anos 90, pegou seu chinelo largado embaixo de um pé de carambola porque, por travessura, Ilme insistia em viver a infância livre no bairro. Justo em frente ao tio, agora o muro de um grande centro comercial, Ilme, também cria da Gardênia, transformou o cenário local e ocupou o imaginário da vizinhança. O menino cresceu, virou artista e está imprimindo sua visão diante das trocas com a equipe.

“Gardênia tatuada no bairro-ópera videogame funk.

Ópera videogame funk bairro-experimento”.

Juntar essa turma me tirou do lugar, vivi uma força motriz que não tinha experimentado ainda. Inacreditável o que fizemos! Uma equipe pequena pulverizando as limitações orçamentárias, criando relações simbióticas entre trabalho e amizade. Projeto de formação dá certo quando todes se formam. Nos formamos pelo elo-resiliência-amizade para falar do que somos, no que nos transformamos, em que nos inspiramos.

São metodologias que se cruzam, que se encontram como rede colaborativa. Quem diria que, no meio desse jardim babilônia, íamos tirar o suco da gambiarra social, da arte urbana?

Nossa ocupação artística enfrentou a disputa dos grupos armados na Gardênia, que desde janeiro, transformaram a paisagem das ruas através da violência. Nós, dançarines rebolando, resistindo, produzindo o curta-metragem nas margens, o clipe da música na Rua H, o painel de graffiti na entrada do bairro. A mostra, que seria na quadra pública, passou para o formato de exposição multimídia em três equipamentos culturais: o Espaço Cultural SESC Escola, em frente à passarela da Gardênia Azul; a Casinha do Lanchonete Lanchonete, na Gamboa, e o Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, parcerias importantes para expandir o alcance das produções e o contato com o público geral.

No site www.cidadeterritorio.com.br, reunimos o conto “Gardênia Tatuada”, de Fausto Fawcett, em uma publicação ilustrada; o curta metragem “Cidade Experimento”, com recurso de LIBRAS; a música e o clipe “Clássico” de Kellvn, além do time-lapse da criação do painel de graffiti “Gardênia”, de Ilme. Também disponibilizamos o catálogo para download gratuito.

Bem-vindos à Gardênia Azul, nosso bairro-experimento.

Até o próximo TerritóRIO!

Fausto Fawcett

Cantor, compositor, escritor

Medir a pulsação da cidade de uma forma peculiar mapeando zonas de atuação cultural (hábitos de produção tecnológica, de produção de sobrevivência – gambiarras vitais, de produção de fabulações – falações de histórias, varejão de crônicas avulsas surpreendentes, de produções de mitologias de bairro, de realizações artísticas, festivas e comerciais transpassadas por essas produções) camufladas na paisagem geral é o mote deste projeto idealizado por Alessandra Castañeda e para o qual fui convocado – quando Alessandra chama considero uma convocação com muita honra – para participar escrevendo contos inspirados pelos bairros e para trocar informações e ideias visando a realização do projeto.

O convite me motivou demais por duas razões, ou melhor, duas taras/tesões: a geográfica, pois adoro andar, circular pela cidade e descobrir becos de guetos entre amplas paisagens cheias de surpresas, me tirando de qualquer sedentarismo cognitivo, quer dizer, de ficar restrito apenas a um naco de visão da mancha urbana carioca (seja ela Zona Sul, Zona Norte, subúrbio, Zona Oeste, Centro, Baixada etc.). A outra tara/tesão é justamente a literária, fazer a reportagem delirante, hiperbólica, dessas aventuras pela cidade, valorizando detalhes, captando flagrantes, dando outros significados aos cotidianos, ajudando a aumentar, a partir de um conto que se expande e serve de plataforma para outras produções, as obras, a força de um lugar. Transformá-lo, para usar a expressão do índio D. Juan presente na saga antropológica do escritor Carlos Castañeda (opa), num lugar de poder. Transformar não, descobrir, escancarar os TerritóRios como lugares de poderes inusitados tão fortes quanto os poderes mundanos. Mais fortes até, pois mais sutis.

Cartografia de afetos ocultos, de expressões artísticas que acontecem sorrateiras nestse Rio, que é cidade de cidades misturadas gerando encruzilhadas, cruzamentos, superposições, transversaios incessantes e desconcertantes. A intenção é tirar um pouco do véu midiático, social, econômico, institucional que esconde (ou mostra apenas um clichê, uma redundância dae estética periférica oficial) as potências de expressão que pulsam intensas, ferozes, cheias de gana por expansão, visando aumentar

a intensidade vital deste pedaço de Sudeste à beira de, à beira de, à beira de. Quantas aspas sociais e reticências econômicas em cada frase dita todo dia por um habitante do Purgatório da Beleza e do Caos? Jogar uma pedra de agitação cultural na água parada do pântano social, provocando ondas de atuação comunitária, cinematográfica, dançante, escultural, botânica, tecnológica, musical, arquitetônica, econômica, literária, esportiva, erótica , surpresas de engenharia, gambiarras sim, gambiarras sim. Jogar uma pedra de agitação cultural no pântano existencial, provocando ondas de forças desconhecidas, expressões desconhecidas.

Encarar cada bairro, cada localidade dentro de um município, como um território a ser descoberto, a ser conquistado nos conquistando. Por isso, não resisto a chamar Alessandra de "Alessandra, a Grande", curadora do infinito de todas as possibilidades. E acredito que "Bairro-eExperimento" é, acredito ser a denominação precisa para o que pretendemos.

O primeiro TerritóRio esteveava situado na Zona Oeste, em Jacarepaguá, mais precisamente na Gardênia.

AS VISITAS

Fizemos visitas de setembro a novembro de 2022 para conhecer a sede do "Favela Vertical", nosso ponto de apoio, comandado por Rafael Oliveira, e, claro, a Gardênia, situada um pouco depois do "Palácio das Artes", seguindo à direita. Visitas fundamentais para que eu pudesse começar a pensar, imaginar o conto.

Logo na primeira visita , eu e Alessandra, passeando à beira do canal do Anil, nos defrontamos com aquela que seria a inspiração-guia do conto: um mecânico, numa oficina, que falava gritando de política, da situação insolúvel social, esbravejando enquanto consertava um carro. Carcaça de metal sendo martelada, envolvida por gritos de revolta com todo tipo de status quo. Andamos mais um pouco, dando um tempo para encontrar a turma e, quando passamos novamente pelo mecânico, ele ainda estava vociferando, só que, desta vez, sobre relacionamentos humanos, descrença total, dito de uma forma hilária e contagiante. Ali, estava o primeiro e primordial

personagem: Mauro Motor, o desafiador de tudo, autêntico profeta da Gardênia. Um pouco adiante, nos deparamos com a Igreja “Varões da Galileia”. Que nome para uma igreja... Logo na primeira visita , durante uma primeira caminhada, as ideias e personagens já pipocavam na minha cabeça, sempre pensando que, do conto, sairiam outras obras: cinematográficas, grafitadas, dançadas, musicais. Os cinco pontos que guiaram a minha concepção, o pentagrama que viria a rodar na minha cabeça, já estavam acontecendo logo no primeiro contato com o território Gardênia:

1) O labirinto comercial e residencial típico das comunidades, cheio de becos e travessas que podem servir muito bem para camuflagens de aparelhagens.

2) A lembrança do antropólogo Hermano Vianna, que comentou em relaçãosobre a uma reunião de dançarinos de Passinho num shopping, reunião essa que foi dispersada pelos seguranças por desinformação e preconceito, enfim, a lembrança de Hermano dizendo que era preciso fazer uma ópera do passinho chegou forte para mim já que, afinal de contas, ópera é antes de tudo transacontecimento misturando música, libreto, cenário, teatro, tecnologia maquinal de efeitos. Acrescente-se a isso os provocadores de sensibilidade contemporâneos como videogames, celulares, transmissões online ao vivo, tempo real de redes apelidadas de “sociais” e a minha paixão por dançarinas, principalmente, as funkeiras. E você terá o núcleo do que me interessou colocar no conto, o território como experimentação estética de cinema-dança-funk-ritualdeagitaçãoreligioso-funk-música habitado por tecnobugigangues-grafitagem, gigantesca falação-funk-filosófica sussurrada em caixa de som, celular cutucando, influenciando o social, a vida das pessoas, transformando a comunidade num bairro-experimento, zona de provocação temporária, ópera vídeogame funk.

3) Dançarinas fugitivas querendo revanche.

4) Religião e revolta. Mauro Motor, o profeta.

5) A iminência. Alguma coisa de perturbador, a qualquer momento, pode acontecer num lugar assim. É banal. Alerta infinito.

Encontramos Rafael, do “Favela Vertical”, nosso principal guia, conhecedor da área, dos trâmites de relacionamento de poder na Gardênia; Sandro, do coletivo “Baixada Cine”; e Kellvn, o rapper que ia compor a música do projeto. Primeiro contato conhecendo o “Favela Vertical”, um desses aparelhos de empreendimento educacional preparatório, que ajudam, no que for possível, a dar um drible na precariedade geral. O primeiro encontro, a primeira visita, foi marcado por uma longa conversa entre Daniel, Sandro, Alessandra e eu num restaurante-bar (Kellvn e Rafael ficaram pouco tempo). Longa conversa sobre o Rio e suas discrepâncias, sobre como fugir da ideologia de periferia que também fecha as mentes, sobre como seria incrível se a mancha urbana carioca fosse totalmente integrada em termos de transporte público, de oferta de trabalho e de presença de serviços, indústrias, empresas em todos os seus quadrantes e regiões administrativas, cortando esse papo de três horas num ônibus e mais um trem, e não sei que mais para chegar ao trabalho. E idem em termos de integração, no que diz respeito ao cardápio civil, republicano, iluminista de escola e preparação para a vida. Para a vida e não simplesmente para ocupar certos pontos de acesso socioeconômico que , te adestramndo para uma gincana violenta. A paisagem da mancha urbana carioca explicita isso para a maioria da população, cheia da tal precariedade em relação a quase tudo. E tudo vai ficar mais perturbador e desafiador com a imparável digitalização da vida, do trabalho, dos serviços intelectuais, dos serviços afetivos, de tudo.

Pois é, a conversa foi longe nos diagnósticos, mas também em delirantes, divertidas e, ao mesmo tempo, pertinentes soluções para a combalida urbanidade carioca, confirmando o que estava na nossa mente, minha e de Alessandra, que existe uma efervescência de pensamento, visão de mundo e elaboração artística acontecendo em vários cantos, pontos, logradouros do purgatório da beleza e do caos que merecem ser expostas, espalhadas, ganhar foco e viralizar. O cinema mental de Sandro, a sua perspectiva a partir de Belford Roxo (Bel para os íntimos) do mundo, da vida, foi o segundo golaço nas redes das nossas intenções (o primeiro , foi o apoio do

“Favela Vertical”). Daquela conversa, já rolou a certeza de ter um parceiro de ataque audiovisual, imagético, alguém com transe de câmera no sangue. Primeira visita feita. Noite estrelada. Tudo a caminho.

Em outra visita, em outubro, Alessandra me apresentou a Beatriz, a competência de produção e a simpatia em pessoa, parceira de Sandro no “Baixada Cine”. Os dois trouxeram para a turma o Pedro, muito talentoso no trato da fotografia. Ilme, que faria o mural grafitado, e Kellvn, desta vez com disponibilidade total, completavam o time que contava ainda com o Daniel, responsável pelo projeto gráfico e visual do zine e do catálogo, mais o Rafael do “Favela Vertical”. Na sede do “Favela”, sentamo-nos em círculo nas cadeiras/carteiras de estudantes, e Alessandra situou todos na intenção do projeto de sentir, captar e mostrar a pulsação da Gardênia através de uma conjunção de cinema, dança, música e grafite, tendo como ponto de partida um conto literário. A conversa seguiu deliciosamente produtiva, pois todos estavam cheios de vontade de botar a mão na massa e todos falavam, com orgulho e prazer, dos lugares onde vivem e que aquela era uma oportunidade certeira para a turma da Baixada Fluminense e para a turma da Baixada de Jacarepaguá mostrarem seu valor, já provado em várias outras ocasiões e projetos. Fiquei muito impressionado com eles . Um lego poderoso, um cubo mágico de produção estava sendo formado e, cada um, funcionando como dínamo que acopla noutro dínamo, que acopla noutro dínamo, que acopla tudo em volta.

O que nos entusiasmou no primeiro encontro com Sandro, multiplicou-se nas falas de Ilme, Kellvn, Pedro e Beatriz. Conversamos e depois saímos para dar uma volta. Conhecer a paisagem da Gardênia, o lugar onde seria feito o evento e, para mim, particularmente, era a oportunidade de alimentar a minha imaginação, a minha mente, com a volúpia daquele ambiente, a força sugestiva de tudo em volta, confirmando a impressão e o gatilho de ideias da primeira visita. Não me lembro se almoçamos antes ou depois, só sei que a Gardênia estava sendo tatuada na jugular da minha imaginação, e dois pontos cardeais, duas

presenças, me pegaram de jeito.

Primeiro, a Pedra da Águia Caída que eu avistei de dentro do carro dirigido pelo Daniel, com a Alessandra de copiloto, quando passamos pela Barra. Um monumento rochoso tão intrigante e majestoso que é um ponto de exclamação geológico no além-Barra e sobre o qual se ouve falar muito pouco. Monumento rochoso tão peculiar na sua forma quanto o Dois Irmãos, a Pedra da Gávea, o Morro dos Cabritos, o Corcovado, o Pão de Açúcar ou o Maciço da Tijuca. E, cá entre nós, uma pedra chamada Águia Caída, sugerindo no seu formato a queda de um bicho de rapina exuberante, bem, temos que admitir o clamor poético, ou melhor dizendo, a pedrada poética que essa visão me deu, excitando todas as sinapses, todos os circuitos da minha mente envolvidos com o conto.

O segundo ponto, foi o Bar, onde nos encontrávamos para dar início aos trabalhos (trabalho mesmo. Depois, a cervejinha, que ninguém é de ferro). De frente para uma esquina suculenta, em termos de movimentação, e onde a gente se sente à vontade, seduzido pela passagem absoluta de tudo e de todos, numa boa, enquanto não acontece aquilo. As três ruas que compõem a encruzilhada-esquina de frente para o Bar são artérias pulsantes da vida Gardênia. “Esquina” é demais e “Bar de frente para uma esquina” é mais que demais ainda. Um bar que parece uma sala de troféus aberta (vários troféus de campeonatos, que eu não conheçosei, decoram o ambiente) com uma TV de led desligada, como uma pequena ruína suspensa, janela escura dando para o Nada atrás da parede descascada, tendo a companhia de uma mesa de sinuca, sempre frequentada. O Bar era o lugar de poder específico dentro do lugar de poder da Gardênia. Encontrando lá, filmando lá, conversando lá, fotografando lá, sacramentando a união lá. Mais uma visita terminada. Turma apresentada e muito afim. Agora o conto. O pentagrama em ação na minha mente. Gardênia tatuada na jugular da imaginação.

No final de dezembro, entreguei o conto que

fala de três gangues de dança formadas por garotas que tiveram suas vidas encurraladas nalguma situação sufocante ou perigosa ou as duas coisas juntas. As Faquiras escapando de tentativas de feminicídio com facas, armas brancas, as Fuzilâminas escapando de tentativas de feminicídio com armas de fogo e as Galileias Absurdas escapando de um sufoco mental, pois achavam que sua vocação de dançarinas místicas, sua vocação mística, estava sendo prejudicada pela convivência com certo segmento religioso de teor fundamentalista. Uma das meninas era mulher de Mauro Motor, o profeta de oficina que, arrependido por ter tentado, num surto, matar a esposa, teve a ideia de atrair novamente as gangues para a Gardênia. Imaginou uma ópera videogame funk. As dançarinas fugitivas voltariam triunfais para a Gardênia como numa Odisseia ou como num filme bem clichê de vingança. Uma volta muito bem concatenada visando transformar a comunidade numa experiência sensorial, envolvendo o ambiente principalmente à noite, com provocações tecnocelulares, estímulos mentais sorrateiros. Três semanas com grafiteiros, fissurados em audiovisual eletrônico, músicos, artistas de escolas de samba, envolvendo a comunidade numa espécie de pesadelo suculento, sonho perturbador delicioso e insinuante, guiado pelas falas de Mauro Motor sussurradas em lugares de repente.

Acabei estourando o prazo em função de uma ocorrência que aconteceu no meio do mês e que me obrigou a criar mais um elemento bizarro para o conto. A Iminência se dissipou e tive que colocar munições migratórias, chuva de balas itinerante no conto. A Iminência....

Alessandra acabou transferindo as reuniões de dezembro para janeiro visando dar um tempo para a leitura, a digestão do texto nas mentes, para que as conversas sobre o conto e a apresentação de algum rascunho de trabalho fossem certeiras. E não deu outra. Em janeiro, nos reunimos e, em três dias, lemos o texto, discutimos alguns pontos. mas Nno geral, todos gostaram e embarcaram com gana nas aventuras das gangues dançantes e de Mauro

Motor. Todos ficaram com a jugular da imaginação tatuada com a Gardênia. Ilme mostrou um esboço sensacional do que ele ia desenhar, pintar, num muro da comunidade; Kellvn arrebentou com seu trap funk cuja letra misturava elementos, sugestões do conto, com a sua vivência na Gardênia num amálgama mais que perfeito. Eu ainda fui convidado para participar do início da track falando um texto de apresentação do conto Gardênia Tatuada. Sandro e Pedro já começaram a filmar e colocar suas ideias de cinema contemplativo sem amarras em ação. Nesses dias, ganhamos ainda o auxílio luxuoso na pilotagem de redes sociais de João Eliel e do ator Victor que, em meio a novas desavenças territoriais, conseguiu com Sandro e Pedrinho filmar Cidade Experimento.

E a mente de Alessandra concatenando toda a expansão/exposição desse conjunto para acontecer nalgum outro lugar já que ali...

E a mente curadora (em vários sentidos) de Alessandra navegando em soluções criativas, soluções para viabilizar o projeto. Ee ele vai acontecer, está acontecendo.

Ser parceiro dessa mulher e dessa turma foi/está sendo uma das experiências mais estimulantes e amorosas da minha vida.

Cada pessoa é dínamo acoplado a outro dínamo acoplado a outro gerando energia inédita.

Campo de força.

Lugar de Poder.

Gardênia Tatuada.

TerritoRio

FF

Sandro Garcia

Baixada Cine, curta-metragista e produção

"Em meio a todas as condições adversas, o TerritóRio está situado em uma selva, com uma flora rica e composta de liberdade criativa

Durante anos nessa trajetória cinematográfica, foi frequente o papo "temos que nos juntar e fazer um filme", "a gente precisa se reunir para produzir uma parada", "bora marcar". E nessa pegada, mil e um projetos não foram realizados e ficaram no papo brabo. Seja pela precarização da cultura nos últimos anos, seja pela falta de incentivo, seja pela desmotivação dos envolvidos nesses papos.

Eis que chegamos em 2023 e o primeiro filme do ano do BaixadaCine é a partir do TerritóRio. Baseado no conto "Gardênia Tatuada" de Fausto Fawcett e com participação dele no elenco (quem diria?). Ao mesmo tempo que isso simboliza uma nova parceria com a Jurubeba Produções, também é um reencontro de uma parceria antiga com o Favela Vertical que assina a coprodução. Mas finalmente sobre o filme, a ideia inicial de produzir a partir de um conto, algo inédito e desafiador. Primeiro, porque é um conto do Fausto, o que julgo como algo, no mínimo, "não linear", o que também julgo como um ponto positivo. Em segundo lugar, é a primeira vez que dirijo algo a partir do texto de outra pessoa (o que no fim foi uma experiência satisfatória).

Depois de sentar, ler o conto, abrir cervejas e planejar como seria isso, o projeto fluiu de forma muito satisfatória e gratificante (como supostamente tem que ser, mas raramente é). E é aqui que acontece algo que muda toda proposta do filme:

Eis que estoura uma guerra na Gardênia Azul.

Vou dar um foco nesse assunto, pois é uma oportunidade ótima para debater sobre as condições da produção cinematográfica independente.

Eu nunca acreditei muito em hierarquias, sempre

Não existe certo ou errado. Existe uma proposta.

Ela não é um muro de concreto.

Ela sofre alterações.

Ela é maleável.

É cinema. Vamos filmar.

O som tá rodando?

E assim fomos até a Gardênia filmar. Com adaptações no roteiro, com limitações de cenários para filmar, com toque de recolher às 17h e com vontade de sair dali com um primeiro corte.

Com imagens de arquivos para acrescentar, experimentações na edição e tudo que a gente filmou, nasce “Cidade Experimento”.

Um filme que de maneira nenhuma busca uma explicação do conto ou uma resposta para ele. Aqui você vai encontrar algo experimental, contemplativo e expositivo.

Um puro suco de Fausto Fawcett que percorre por toda a narrativa, um cenário “Gardênico” com tons de azul e um pouco (bem pouco) de surrealismo e opera videogame funk.

É bom que isto esteja escrito para lembrar daqui a alguns anos: o mundo estava em guerra e a gente estava fazendo cinema. Não a guerra de Gardênia, a guerra cotidiana que é ser artista independente. A guerra dos cachês precários, dos sub-trabalhos, dos processos traumáticos e da guerra literal que todo periférico conhece bem.

“Cidade Experimento” é uma contrapartida a tudo isso. É um filme feito por uma equipe que se considera uma família.
Um filme de TerritóRio.

Bom filme!

Sandro Garcia

Beatriz Rodrigues

Baixada Cine, curta metragista e produção

Em um dos encontros, Kellvn disse não gostar do termo “periferia”, pois designa os arredores de um centro. E eu concordo. Também não gosto do termo pois há tempos eu enxergo esse lugar como o centro. E esses tempos datam, mais ou menos, a minha vida toda ou mais ou menos desde que comecei a entender que o centro não engloba as minhas memórias, meus afetos e pouco atende aos meus interesses. Percebi que a casa era realmente do outro lado do ramal, no bairro que o nomeia.

Sair da Baixada para a Gardênia é encontrar-se em outro centro. Me encontrei com ambientes muito familiares, apesar de nunca antes vistos por mim. As pedras, as plantas, o rio, um vestígio de mata como os que conheci perto da minha casa. A Guanabara toda é a casa. E desvendei bequinhos e ruas com câmera na mão e figuras recém-conhecidas. Uma fórmula perfeita.

Retornei e novamente era um dia de chuva, mas antes foi ainda num dia de sol. Fazia e faz muito calor na Gardênia. Agora estava acompanhada de quem também não conhecia, mas com quem sabia aonde chegar. Aí é bom demais. Andar na Gardênia com ouvido de artista é bom demais, porque basta estar atento. Basta ter olhos para olhar. A vida exibida na beira da rua, em bares e lojas. E não nos esqueçamos das conversas.

Quando se sabe escutar e olhar como artista, vira tudo um gozo gostoso demais. Então estava atenta: nas conversas, nas lojas, nos bares, nas comidas, as ruas, as lojas, a fábrica de guaravita os bares, as esquinas, os bares, a birosquinha com uma amendoeira, os bares, o hortifruti abandonado, os estabelecimentos estranhos, aquela rua na beira do canal. Tinha um aviário e frangos. Ração de bicho. Papo de campo, galinhas felizes...

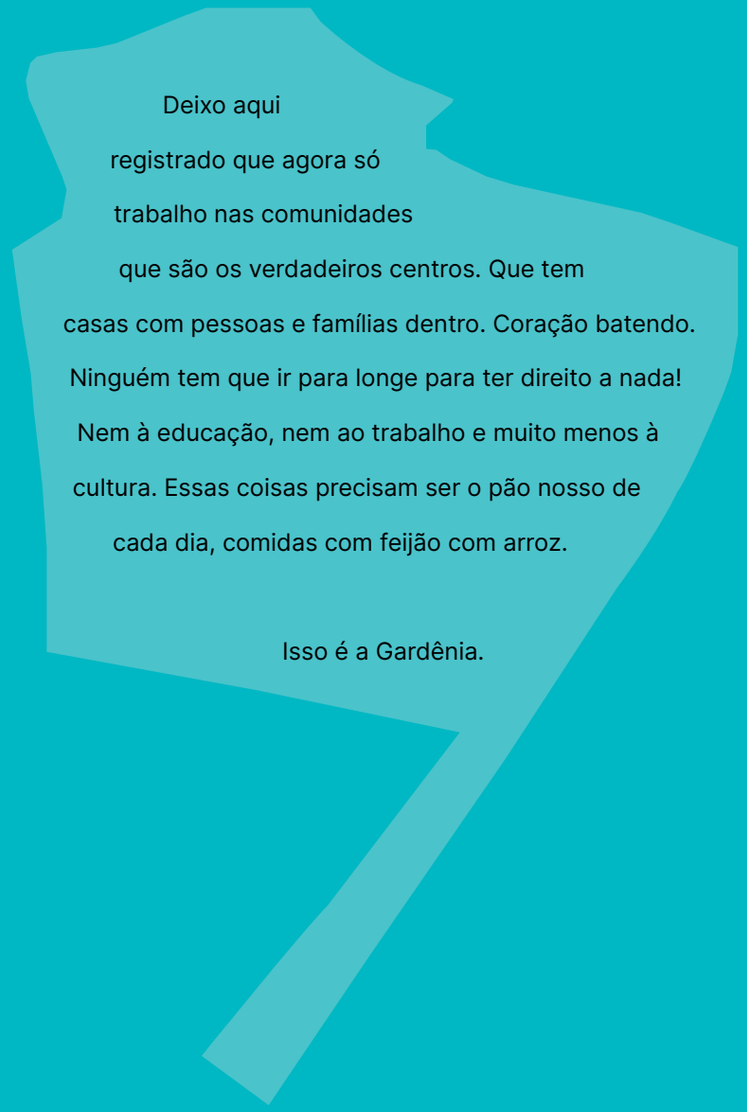
Enfim, estava tudo ali.

O texto do Fausto Fawcett fala tudinho o que aconteceu. Até a bailarina super pós-moderna... aquilo realmente aconteceu.

E textos são mensagens: a Gardênia é o futuro.

Aquilo ali é o mundo. É evidente que não há por que sair de lá. E os moradores dizem isso, as lojas dizem isso. O bairro quer dizer que existe. A Gardênia Azul existe em cada esquina. O tempo todo. A comunidade não fecha. Você pode ver. Tem gente em todo lugar. E é verdade: onde tem gente, tem vida. Literalmente. Corações batendo por trás das paredes. Tem vida!

Então por que ainda insistem que deveríamos nos mudar? Sair dali, dos bequinhos cheios de vida, para as ruínas de uma capital colonizada. Eu não vou mais pegar ônibus com destino pra Central. Chega! É tudo patético demais.


Deixo aqui
registrado que agora só
trabalho nas comunidades
que são os verdadeiros centros. Que tem
casas com pessoas e famílias dentro. Coração batendo.
Ninguém tem que ir para longe para ter direito a nada!
Nem à educação, nem ao trabalho e muito menos à
cultura. Essas coisas precisam ser o pão nosso de
cada dia, comidas com feijão com arroz.
Isso é a Gardênia.

Idemarsso

Baixada Cine, curta-metragista | registro de fotos e vídeos

Durante dois anos da minha vida trabalhei no Pechincha e em Curicica e, para mim, era uma tortura sem tamanho acordar 4h da manhã para pegar um ônibus no centro de Nova Iguaçu, soltar na passarela da Gardênia Azul e depois pegar outro ônibus pra um desses dois lugares. E a tortura se manteve mesmo quando comecei a ir de carro, pois muitas vezes voltava do trabalho extremamente cansado e com muito sono, passava perrengue para me manter acordado o tempo todo da viagem. Com isso, criei uma certa raiva e aversão à Jacarepaguá, que na minha cabeça de baixadense, era como se fosse tudo uma grande Barra da Tijuca.

No final de 2022, pedi demissão desse meu trabalho para ficar em produções artísticas e culturais, e no início de 2023 recebi a proposta de trabalhar em um projeto na Gardênia. A primeira coisa que pensei foi que esse lugar não me deixava em paz e que eu iria passar toda raiva do deslocamento Nova Iguaçu-Jacarepaguá de novo. Mas quando eu entrei de fato na Gardênia, eu senti uma familiaridade gigante com o lugar em que eu vivo e cresci, desde o comércio local às pessoas que circulavam no lugar. Depois chegando no Favela Vertical, que foi onde fizemos nossa reunião e eu conheci todo o pessoal que eu ia trabalhar, percebi que talvez não fosse um local tão ruim de se trabalhar.

E depois conhecendo as histórias, as opiniões e percebendo o carisma de cada integrante do projeto, eu vi que eu seria muito feliz naquele ambiente. E fui, bastante. Percebi também que minha raiva e aversão à Jacarepaguá, não era devido apenas ao deslocamento ou a região em si, minha raiva era apenas o bom e velho ódio de classe. E quando me senti seguro em trabalhar ao lado de pessoas maravilhosas, meu olhar para toda essa região mudou, e o que era raiva virou admiração.

Como baixadense, sinto um carinho enorme por cada cidade da baixada. E reconheci esse sentimento no ILME, ao vê-lo citar cada “bairro” de Jacarepaguá e dizendo que por mais que sejam diferentes, eles todos são um só lugar. Enfim, se pudesse resumir minha experiência na Gardênia Azul em uma palavra, eu diria: Aprendizado.

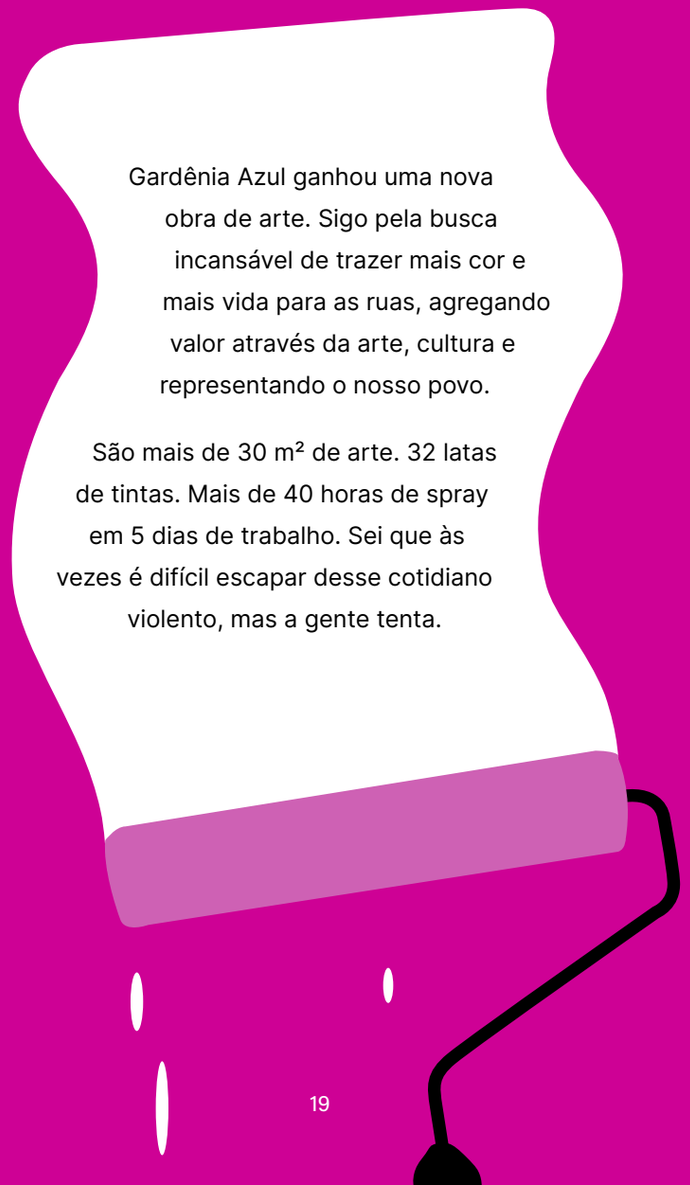
Quem me dera que todos os trabalhos fossem assim.

ILME

Artista visual e grafiteiro

Gardênia Azul ganhou uma nova obra de arte. Sigo pela busca incansável de trazer mais cor e mais vida para as ruas, agregando valor através da arte, cultura e representando o nosso povo.

São mais de 30 m² de arte. 32 latas de tintas. Mais de 40 horas de spray em 5 dias de trabalho. Sei que às vezes é difícil escapar desse cotidiano violento, mas a gente tenta.



Kellvn

Rapper e geógrafo

Já é **natural do Rio de Janeiro**, a promessa já existia, então não é mais necessário sentir como se a gente estivesse sendo **movido por pura pressão**

Minha Gardênia Azul anda sendo modificada por novas relações políticas e econômicas e, por isso, nosso estilo de vida anda mudando também. Já é natural do Rio de Janeiro, a promessa já existia, então não é mais necessário sentir como se a gente estivesse sendo movido por pura pressão, visto que o nosso espaço-tempo é esse. Entre as inovações tecnológicas de aço e as inovações tecnológicas de sangue, não surpreende se a melhor ferramenta de comunicação for o rádio de pilha, afinal, naturezas distintas se mantém unidas, coesão centraliza e descentraliza, e aquilo que permanece visualmente intacto pode simbolizar um perigoso e lento processo de transformação.

Fausto Fawcett

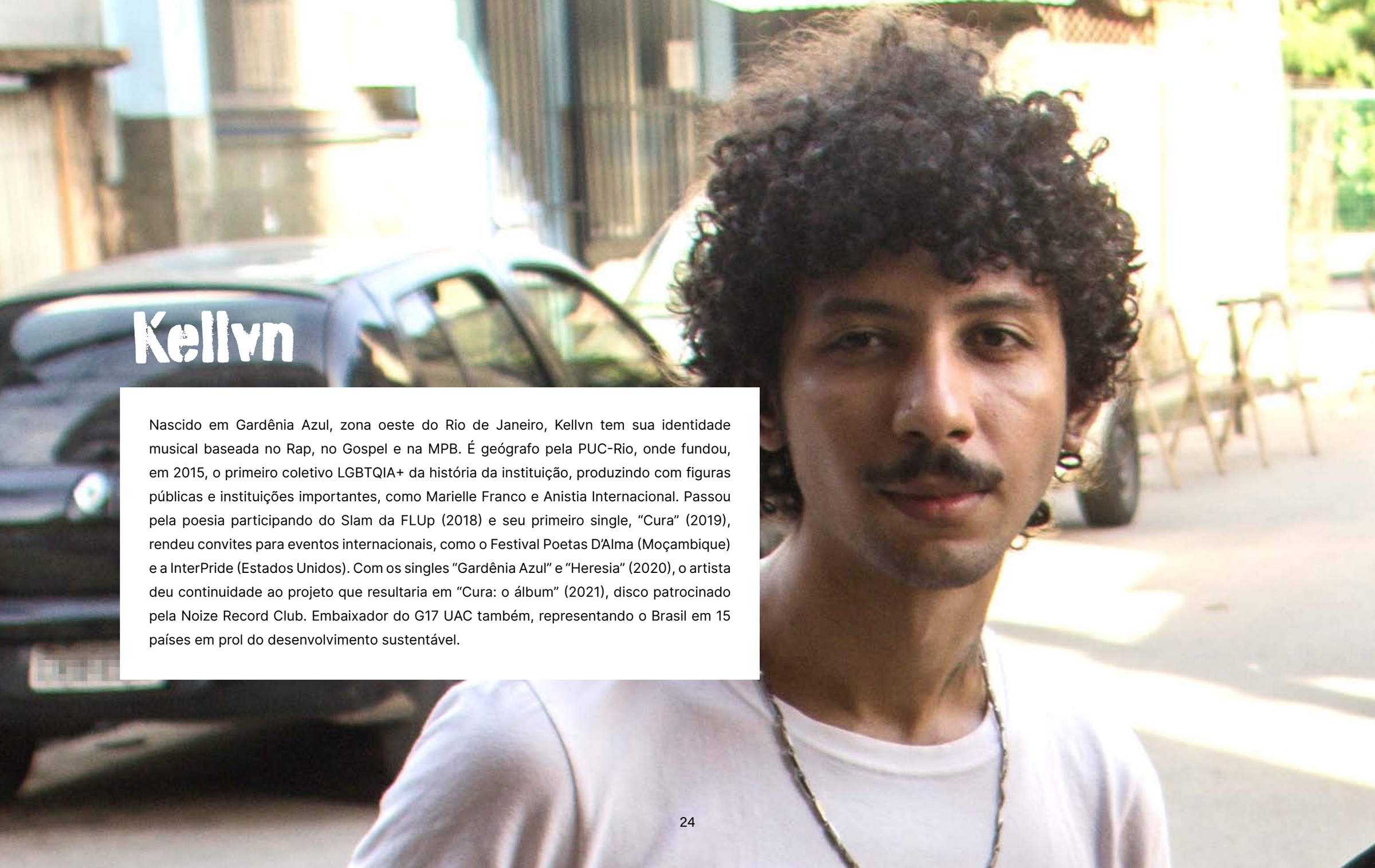
Escritor e compositor, gravou três discos: Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros (1987) Império dos sentidos (Warner 1989) e Básico Instinto (1993). Escreveu os livros: SantaClara Poltergeist (1990), Básico Instinto (1992), Favelost (2012) e Pororoca Rave (2015) e Pesadelo Ambicioso (2023). Escreveu cinco peças, três em parceria com Hamilton Vaz Pereira: Olhos ardentes (1985), Amizade de rua (1986) e Ataliba a Gata Safira (1988). Participou como ator e escreveu com o diretor Henrique Tavares a peça Cidade Vampira (2005) e Salomé By Fausto Fawcett (2016). É autor de sucessos como Katia Flavia, a Godiva do Irajá (Fawcett e Laufer 1987), regravada por Fernanda Abreu em 1997. A música fez parte das trilhas sonoras dos filmes Lua de Fel de Roman Polasnki (1992), O Superoutro (1988), Tropa de Elite (2007) e da peça À Beira do Abismo me Cresceram Asas, de Maitê Proença (2013). Outros sucessos: Rio 40 graus (com Laufer e Fernanda Abreu 1992), Garota Sangue Bom, com Fernanda Abreu, Balada do Amor Inabalável, com Samuel Rosa.

Baixada Cine

É um coletivo de pessoas ligadas ao cinema e à produção cultural na Baixada Fluminense que acreditam na democratização do acesso ao cinema atuando com produção, exibição e formação cinematográfica. A formação da organização se dá a partir de cidadãos do município de Belford Roxo que perceberam a carência cultural da região e a necessidade de produzir cinema a partir da periferia.

ILME

Formado em Motion Design, trabalho com comunicação visual a 10 anos. Em 2010 trabalhei como Assistente de Produção na Quadratta Comunicação e Design. Em 2015, responsável por toda a parte Audiovisual da Rádio FM O Dia, criando conteúdos de divulgação para redes sociais, eventos, mídias outdoor, lançamentos de produtos e registro fotográfico. Em 2018, entrei para a equipe de Motion Designer do Grupo SAL, contribuindo para geração de conteúdo de grandes marcas como: Google, Waze, Nike, Multishow, Canal OFF, CMA, Shopping Leblon, entre outras marcas. Buscando novas formas de me expressar, escolhi a pintura e o trabalho manual como a principal ferramenta, para me expressar transportando o público de um cotidiano monótono para outro um pouco mais colorido, alegre e harmonioso.

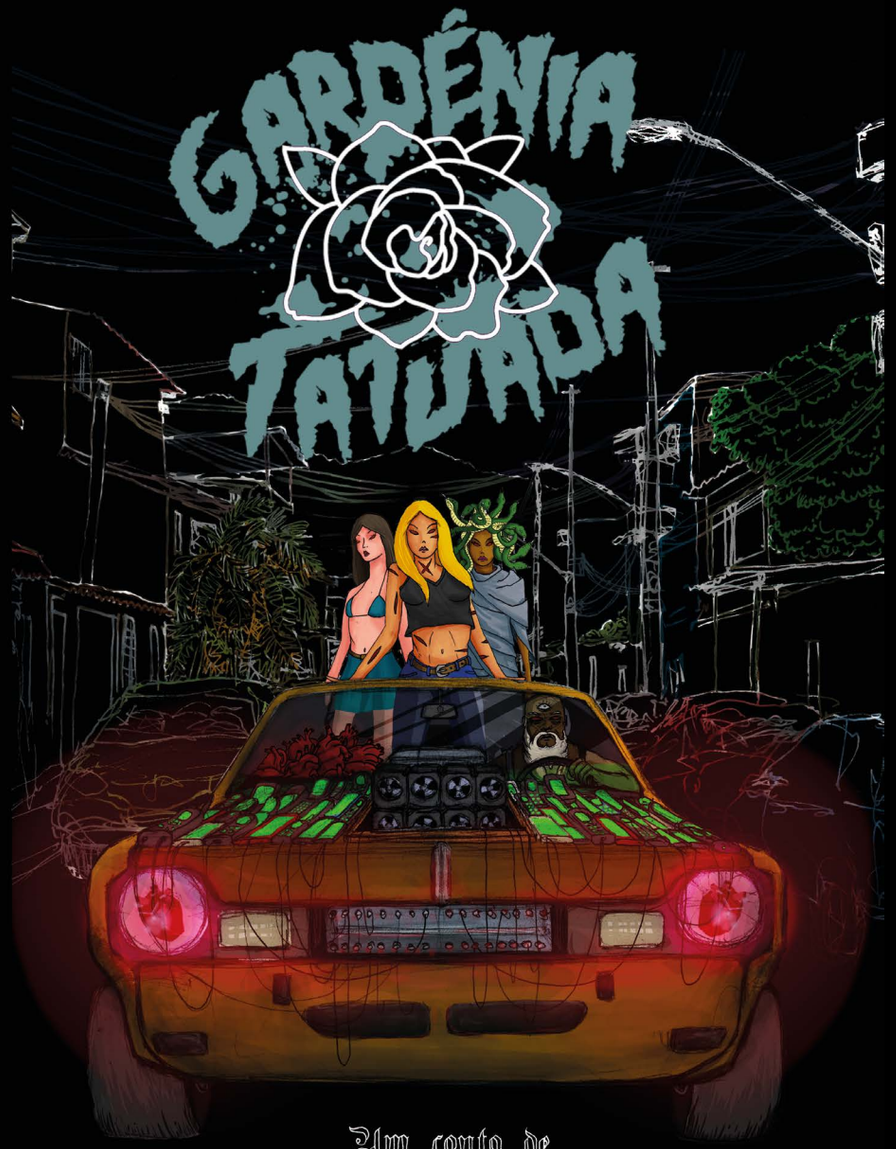


Kellvn

Nascido em Gardênia Azul, zona oeste do Rio de Janeiro, Kellvn tem sua identidade musical baseada no Rap, no Gospel e na MPB. É geógrafo pela PUC-Rio, onde fundou, em 2015, o primeiro coletivo LGBTQIA+ da história da instituição, produzindo com figuras públicas e instituições importantes, como Marielle Franco e Anistia Internacional. Passou pela poesia participando do Slam da FLUp (2018) e seu primeiro single, “Cura” (2019), rendeu convites para eventos internacionais, como o Festival Poetas D’Alma (Moçambique) e a InterPride (Estados Unidos). Com os singles “Gardênia Azul” e “Heresia” (2020), o artista deu continuidade ao projeto que resultaria em “Cura: o álbum” (2021), disco patrocinado pela Noize Record Club. Embaixador do G17 UAC também, representando o Brasil em 15 países em prol do desenvolvimento sustentável.

SPURS
NBA
VIGOR
VIGOR

SÓ
JORGE
SÓ
ZITA



Um conto de

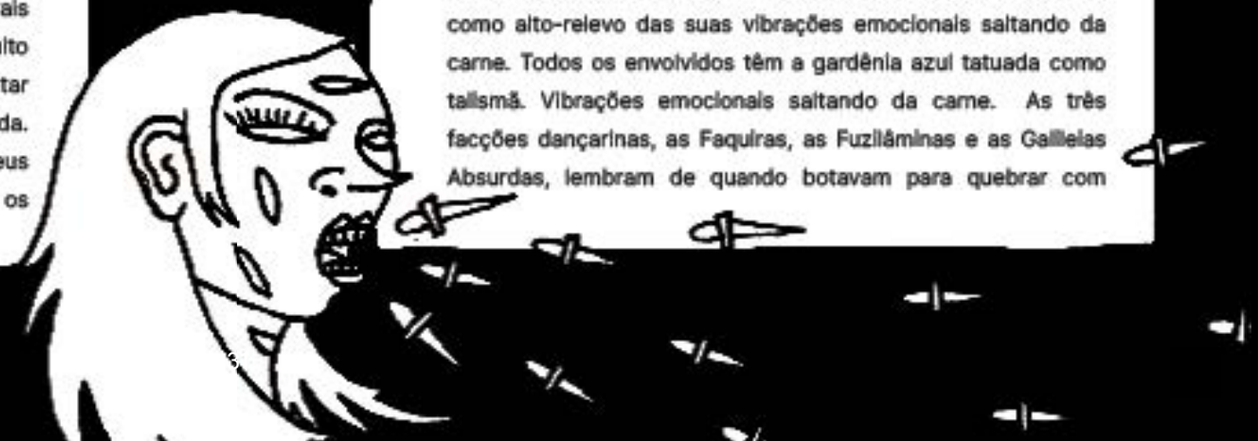
FAUSTO FAWCETT

1 No ventre da Águia

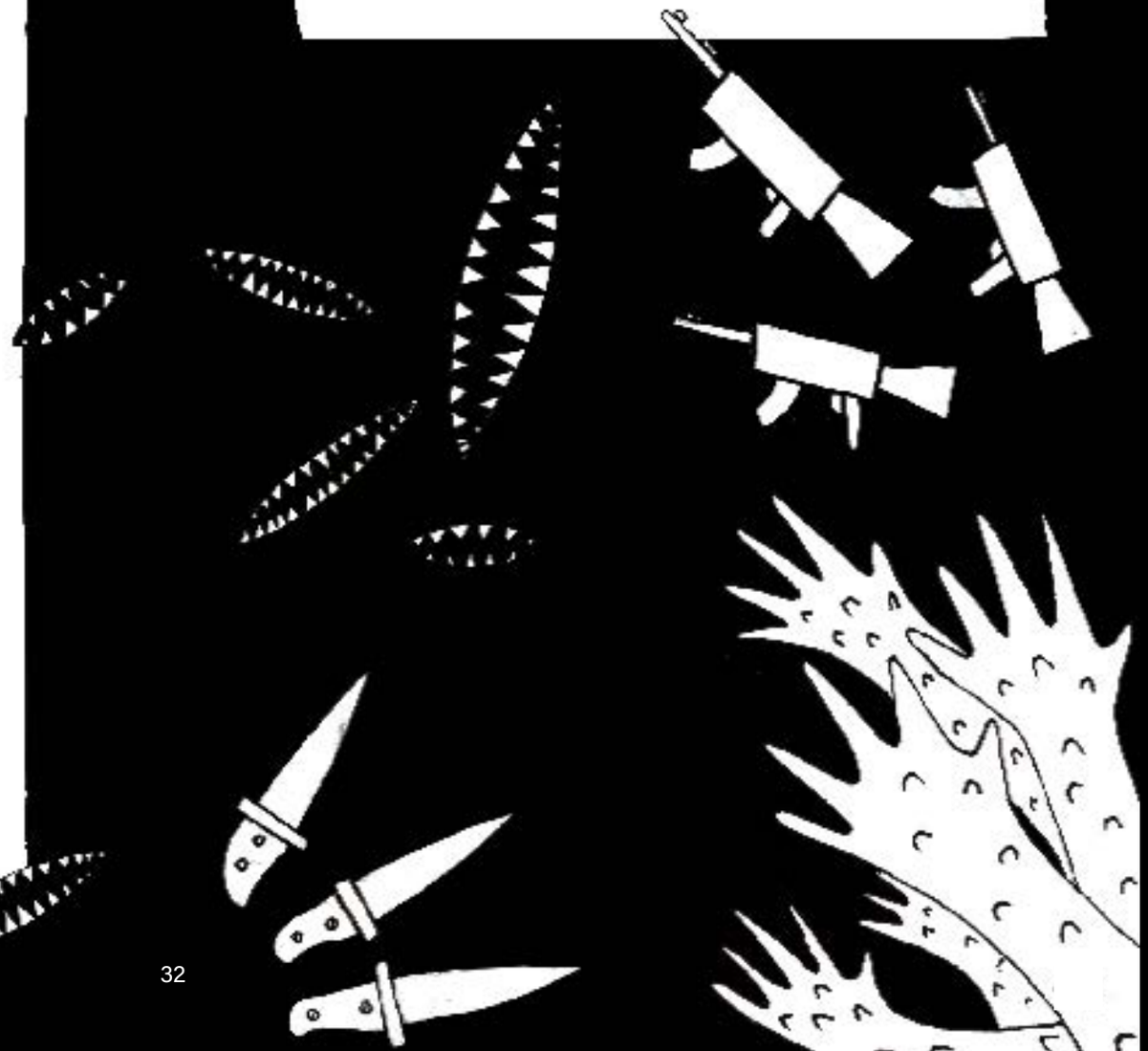
Barra da Tijuca, fronteira com Recreio, fronteira com Jacarepaguá, fronteira Zona Oeste. De frente pra Pedra da Águia Caída, dançarinas encharcadas, envolvidas por uma cortina chuvosa de verão, que passa abençoando seus corpos de baile. Essas dançarinas do ventre-funk se preparam para o último ato de uma estranha ópera, estranha e revolucionária ópera que transformou o lugar de onde elas vieram num ponto de atenção midiática, mas também de vontades empresariais e pesquisa esotérica, polo de várias pistas de expressão e inovação, driblando toda precariedade e tensão. E da alta tensão presente nas vidas dessas dançarinas e de outros que participaram dessa ousadia (peculiaridades de sofrimento e reação vingativa de cada um) é que surgiu a força de um ataque estético, sensorial, sensual, hipnótico, musical, filosófico religioso, reciclante, urbano à comunidade de onde vieram. Não queriam mais singeleza de comunidade, mas a potência mundial que as antenas mentais podem captar, que os HDs corporais podem incrementar. Ir muito além das periferias como ideologia e, sim, alcançar, inventar atalhos para o êxtase na marra da gambiarra que virou cada vida. Sempre foi assim, mas as dançarinas que sugere com os seus corpos paisagens bizarras ou excitantes ou desafiadoras, e os que inventam outros mundos com notas e aparelhagens musicais, com desvios plásticos dos zilhões de materiais e construções que nos cercam, os que reinventam com registros audiovisuais a vida no planeta. Essa turma nascida na comunidade queria criar um fenômeno, como uma força da natureza, como um marco da história, vulcão ou Veneza, Muralha da China ou o que fosse. Queria transformar sua comunidade num bairro-ópera funk por algum tempo. Muito além do clichê periférico. E conseguiram, de forma às vezes até catastrófica, guiar a atenção geral para aquele que foi seu núcleo de vida urbana, lugar de afetos e desafetos, esperanças e obstáculos. A Gardênia Azul.

E de que forma isso aconteceu?

O véu de chuva quente passa batido pelas turmas dançarinas, dá uma parada na Pedra da Águia Caída e vai embora abrindo uma última brecha para o Sol no crepúsculo que anuncia o último ato já abençoado pela chuva intensa. As dançarinas vão lembrando das seis semanas anteriores que transformaram a comunidade-bairro num acontecimento misterioso e fascinante. Elas têm a flor, a gardênia, tatuada em várias partes do corpo, principalmente na jugular, pulsando como alto-relevo das suas vibrações emocionais saltando da carne. Todos os envolvidos têm a gardênia azul tatuada como talismã. Vibrações emocionais saltando da carne. As três facções dançarinas, as Faquiras, as Fuzilâminas e as Galileias Absurdas, lembram de quando botavam para quebrar com



disputas nas ruas da comunidade, gangues ballarinas se desafiando com seus corpos em chicote de movimentação sensual, mas também atiética, subindo pelas paredes e provocando visões de corpos em funcionamento erótico e acrobático ou, simplesmente gracioso, que provocavam fascinação na maioria, mas certa inveja e implicância em vários moradores e moradoras. O que realmente dispersou as meninas das facções dançantes, transformando-as em dançarinas fugitivas, foram outros fatores bem particulares, peculiares. As Faquiras são Shakiras esfaqueadas, quer dizer, fãs da cantora dançarina, Shakira, que escaparam de feminicídios com armas brancas e fazem das suas cicatrizes, que parecem bocas, centopeias, umbigos, fazem das suas cicatrizes fator de sedução, além de também jogarem com o fetiche dos faquires indianos, das bruxas dos punhais que elas conheceram pelo país durante a saga fugitiva. Fetiche com as pontas afiadas. As Fuzilâminas escaparam de feminicídios com armas de fogo e têm balas alojadas que passeiam pelo corpo: é a grande coqueluche anatômica vê-las brincar com as munições encrustadas em certas partes do corpo. Elas se lembram, enquanto se enxugam para o último ato da ópera fantasma que tomou conta do território azul com reflexos na Barra, em Curicica, na Freguesia, na Cidade de Deus, até na Praça Seca e na Vila Valqueire. As Galileias Absurdas adoravam os dervixes, sacerdotes muçulmanos cuja dança de transe consiste em girar, girar, girar até sair desse mundo. Usar o corpo para vibrar misticamente. Usar o funk do ventre para driblar a mediocridade geral, a insuficiência deste mundo. Não prestou muito, pois todas eram filhas dos varões galileus daí quê. As três turmas vão se enxugando e lembrando das três semanas anteriores, da ópera que, primeiro sorrateiramente depois escancaradamente, sacudiu o território azul.



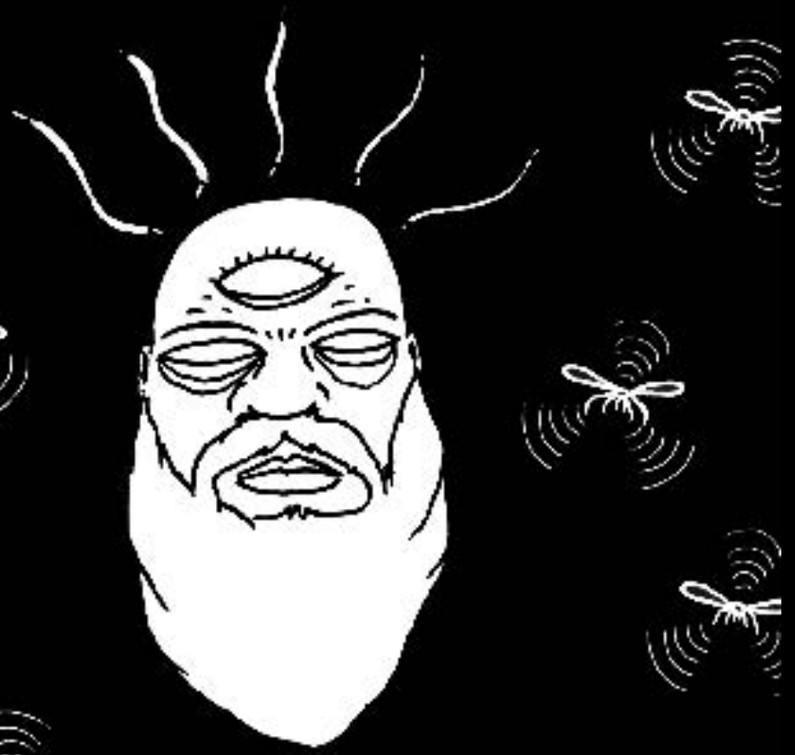
2 motor da ÓPERA

Primeira semana

Enquanto as dançarinas fugitivas cruzavam as periferias do país angariando novas missionárias do ventre-funk algumas parceiras dessas meninas, dessas mulheres, parceiras que lidam com engenharia de gambiarras, com artes plásticas, com cinema, com música, com produção de escola de samba. Essa turma começou a trabalhar no cenário Gardênia, no bairro-ópera provocando pequenos eventos, criando miragens e confundindo a noite da comunidade, os arredores das fronteiras do bairro. Na primeira semana, totens feitos com leds colocados em certas esquinas mostravam apenas partes dos corpos dançarinos devidamente envolvidos (o bairro todo) por uma música, um groove, uma batida insinuante, primeira batida de ocupação repentina. A ação era transmitida por celulares colocados, estrategicamente, em postes e brechas nas construções, nos prédios, nas calçadas. Junto com as imagens e a música, as falas alucinadas e raivosas de Mauro Motor, um mecânico que tem uma oficina de frente para o canal e que filosofa, delta falação entusiasmada, às vezes raivosa, às vezes gargalhante, sobre o mundo, a política, os donos do lugar, os amores, vários assuntos, enquanto conserta os carros. Cada martelada ou trato nas fiações ou carrapeta substituída, uma rajada de frases desaflando as energias sociais, sexuais, profissionais, tecnológicas, religiosas, políticas, egoístas ou amorosas deste mundo. Tem uma visão excêntrica da vida e compartilha da perspectiva filosófico-religiosa de uma seita cristã dos primeiros tempos que diz que o mundo foi criado por um Deus falso, um farsante terrível que escondeu a verdadeira intenção de elevação dos nossos espíritos rumo a um conhecimento da Grande Verdade de Movimentação Cósmica. Ele escondeu esse caminho criando um mundo de ilusões e que é, basicamente, mau. Devemos escapar dessa prisão ilusória através de atos anárquicos e radicais ou nos ausentar dele. Orgias no talo ou eremitas desprezando a tal humanidade entregue às falsidades e ao crime primordial, que é a crença nesse mundo de ilusão em cadeia. Para ele, Capitalismo, máquinas, cidades, mundo cão da sobrevivência cruel, tecnologia a granel, religiões oficiais, tentativas de socialismo, tecnologias moldando, modulando, monitorando nosso dia a dia, até mesmo os sentimentos que, para ele, não são nossos, mas inoculados por vírus sociais para provocar conflitos e competições e carências esdrúxulas, tudo isso entre muitas outras coisas, para Mauro Motor, constitui a placenta maldita que nos envolve, nos alimenta com miragens que nos aprisionam nesse planeta cheio de mistérios ocultos por poderosos de verdade. Não esses que dirigem países... Por isso ele conserta, mas também compra carros jogados fora, lida com ferro-velho, onde fica, sozinho, amassando os carros em catarse, porque eles representam, em grande parte,

o funcionamento do mundo com petróleo, com ruas existindo como artérias principais das cidades, que são feitas para os carros, e que, agora elétricos, dispensam motoristas e deixam claro que o humano vai sobrar, sapiens em fim de carreira. Esse é Mauro Motor, de cuja boca saem as falas da ópera -sorrateira. Ele também sofreu muito com a fuga da sua mulher dançarina que ele amava, mas acabou engolido por uma paranoia, efeito colateral de sua crença alucinada e quase matou, por ciúme, sua Melissa, uma das líderes das Faquiras. Apesar desse acontecimento, foi ele que idealizou o bairro-ópera, pois achava que a Gardênia estava presa numa modorra, que era preciso anarquizar, desafiar todos os cotidianos exatamente como as dançarinas, as três gangues, sempre fizeram, correndo riscos de serem executadas ou expulsas como realmente foram. Ele achava necessária a volta das garotas, das mulheres, e formou uma rede de apoio estético, justiceiro e religioso para furar a ilusão capitalista periférica tecnológica que aprisionava aquela região. Viralizar o território azul como se fosse um experimento de provocação social.

Primeira semana, música sorrateira, bairro transmitido para o mundo. Celulares como insetos voadores, ou aracnídeos, estavam sendo preparados para a segunda semana. Câmeras de vigilância flagrando agarrações amorosas, achaques e animais domésticos perdidos ou vadios e gente também vadia jogada na noite. Normal. Câmeras de vigilância sequestradas e colocadas dentro de lojas registrando, de ângulos bizarros, os produtos como se fossem criaturas estacionadas à espera de um comando para sair aprontando. E foi o que aconteceu na segunda semana.



3 Monges de Mega Hair

Os habitantes do território, os donos do território e aqueles que moravam nos bairros próximos, começaram a ficar agitados, excitados com a nova configuração urbana da Gardênia, transformada em videogame mundial por aqueles que lidavam com os registros audiovisuais, auxiliando na criação da ópera. Ópera videogame funk. Procurando as dançarinas, achando ou sendo deletados por elas. Descobrindo tesouros/armadilhas nas ruas, nos corredores-labirintos da comunidade. Habitantes do território, donos do território agitados, excitados, angustiados também. Principalmente os que pegaram no pé das dançarinas fugitivas que retornavam em grande estilo. Exaltando, mas também capturando o bairro.

Na segunda semana, as câmeras de vigilância e os insetos-celulares, insetos colocados, estrategicamente, nas lojas e ruas, acompanharam a aparição/procissão dos monges do mega hair – criação dos que lidavam com artes plásticas de escolas de samba e com bienais de gambiarras bem inesperadas. Antigos secadores de cabelo com roupas de monge e apliques discretos vagam pela madrugada do bairro graças ao talento tecnológico de uma garotada que instalou dispositivos remotos e botou a

criação dos escultores de escola de samba para vagar como se fossem criaturas de uma repentina Idade Média na região de Jacarepaguá. Saídos de cabeleireiros, na calada da noite, equipados com caixas de som com discursos de Mauro Motor falando que a falta de uma dimensão maior nos corações e nas mentes, a transformação da espiritualidade numa coisa que dá e passa, isso encurralou a todos num materialismo mercantil, mas também reduziu tudo ao psicológico, ao sociológico, ao linguístico. Palavras sem mágica. Tudo é banal, oito bilhões de banalidades andando, se reproduzindo, sem eira nem beira, mesmo com grana, e todos achando que existe salvação numa sociedade melhor. Sem a dimensão maior dentro dos corações e cérebros não rola, não rola. Essa turma digital não sabe como é medieval, eles acabaram provocando acidentes nas vias próximas, alguns foram atropelados, mas o sucesso é total na viralização, na agitação da comunidade e o groove, a batida que os acompanha, acaba virando hit e a Gardênia videogame ópera funk do ventre livre ganha o país, ganha o mundo atraindo interesses e curiosidade geral no planeta. Gardênia digitalmente tatuada na pele da mídia.

Não é Curicica, não é Freguesia, não é Colônia, não é Praça Seca, não é Pechincha, não é Tanque, não é Rio das Pedras. É Gardênia Azul.

4 CORAÇÕES TRAÇANTES

Mauro Motor pegou os carros porrados durante a procissão e os levou pro ferro-velho a fim de espancá-los num ritual de exorcismo do metal, dos circuitos eletroeletrônicos, dos plásticos que nos habitam a pele, ritual de exorcismo industrial.

As meninas, as mulheres Faquiras, Fuziláminas e Gallielas Absurdas vão se encontrando, saídas de Pernambuco, saídas da Paraíba, saídas de São Paulo, da Bahia, de Belém, o que não faltou foi horda urbana que encontrasse outras, dispostas a se tornarem missionárias do ventre funk com a gardênia tatuada, geralmente na jugular, pulsação das vibrações emocionais barra-pesada alimentando a libido, cheia de ânimo, das que estavam desperdiçadas ou subutilizadas no seu talento. Mundo cão da sobrevivência. Facções dançantes chegando ao Rio.

Os grooves, a música, as batidas e melodias insinuantes, que ninguém sabe de onde vem, continuavam a rolar, pois as caixas de som estavam muito bem malocadas nas brechas das construções da comunidade, assim como as falas de Mauro Motor seguem, de hora em hora, mesmo na madrugada, estimulando e colocando agulhas filosóficas, inquietações verbais nos cérebros, agitando os corações dos habitantes da comunidade, nos cérebros em alerta máximo dos donos da comunidade, achando que é tudo armação sofisticada de alguma nova turma de violenta tirania mandatária tipicamente carioca.

Gardênia tatuada o bairro-ópera videogame funk.

Pessoal da escola de samba, numa produção plástica com o pessoal da tecnologia gambiarra inesperada, pegou corações arrancados por tortura de conflito e jogados num terreno baldio, dezenas, eles pegaram os corações e colocaram micro leds piscando dentro, como se eles batessem, ainda passaram um perfume forte, depois jogaram no canal, corações flutuantes, coronárias perfumadas. Outros corações foram catapultados como se fossem cometas, estrelas cadentes, corações traçantes, pode crer. Outros, todos com micro leds e devidamente perfumados, colocados em placas de sinalização urbana. Corações sinalizadores.

As câmeras de vigilância sequestradas, câmeras de vigilância e celulares, alguns acoplados a minúsculos drones, acompanham os corações, transmitem os corações desde a retirada da vala cemitéria até a transformação em ícones da violência reciclada.

Ópera videogame funk bairro-experimento.

5 HEY! Gardênia APOCALIPSE-me

Terceira semana

Equipes jornalísticas são impedidas de entrar no bairro. Donos não querem que a anarquia seja registrada. Comentada.

Algumas pessoas são abduzidas pela música, pelo discurso, pelas criaturas criadas pela turma, criaturas gambiarras de material reutilizado, criaturas de vídeo feitas a partir das facções, dos closes nos corpos das dançarinas do ventre funk muito livre.

Outros habitantes ficando perturbados, quebrando ruas, quebrando pontos onde eles acham que estão as caixas de som ou as câmeras e nem os donos do lugar conseguem achar. Muito bem-feita a instalação a fim de jogar, no mundo, o mito da Gardênia Tatuada. E antes que as meninas cheguem para o número final, o ato de dança final, uma outra surpresa ambiental vai chapar os habitantes do bairro-experimento, recebendo ataque estético transformado em videogame transmitido.

Uma leva de grafiteiros e pintores de murais chegam firme em três prédios de frente para um terreno de festas e começam a pintar os corpos das meninas; se misturando aos corações e se misturando aos carros porrados; se misturando aos monges do mega hair; se misturando aos celulares-insetos; se misturando aos totens de leds; se misturando a gardênias gigantescas; se misturando a águia caída que se mistura a uma chuva que brilha, hipnoticamente colorida, nas paredes dos prédios de frente para o terreno baldio das festas. Os garotos e as garotas, do grafite e dos murais, eram muitos e fizeram, rapidamente, o imenso painel, pois todos já estavam de olho no que aconteceria na terceira semana. Tinham que ser muitos para terminar em cinco, seis minutos a parada. E assim foi. Pintaram com tinta psiquiátrica, tinta hipnótica, as paredes, e quem olhava ficava totalmente abduzido pela imagem do painel, primeiro paralisado, tendo que ser meio que acordado para sair dali. Depois iria sonhar direto com a parede, com aquela síntese da ópera videogame funk, mesmo acordado. Bairro-experimento, inspirando outras intenções urbanas. Em virtude da ópera, muitos institutos de tecnologia, muitas pequenas empresas de reciclagem de material, de audiovisual, empresas de equipamento sonoro, et ceteras variados se interessaram em fincar raízes no bairro.

Mas também houve um acirramento, um aumento de desconfianças e vigilâncias marginais poderosas...

Tudo ao mesmo tempo agora.

Ainda mais que uma nova categoria, um novo fenômeno meteorológico, entrou com tudo no calendário atmosférico bizarro. A chuva de balas. Terroristas conseguiram segredos bélicos de pentágonos, agências chinesas, empresas europeias, e um desses segredos era a munição migratória, balas de fuzil, de metralhadora, de pistola que podiam voar pegando rotas de vento, caminhos aéreos usados por aves em deslocamento. Daí que centenas dessas nuvens circulam por aí e toda hora provocam chuvas de balas, pois os negociantes de armas colocaram logo no varejo essa anomalia atmosférica. As garotas do tempo agora assinalam nos seus mapas as rotas das chuvas de balas para que as pessoas se protejam. Bandos rivais em países conflagrados, desequilibrados socialmente, usam o método para.

Chove muito na Gardênia, nos arredores e na Zona Norte, na Zona Sul, no centro, na Baía. Do Amazonas ao Congo, da Mongólia à Alemanha, do Alasca a Miami, da Cidade do México a Sidney, de São João Del Rey à Baixada Santista, de Tóquio a Jacarta chove bala.

6

A Águia Pousou

Quarta semana

As Faquiras, as Fuzilâminas e as Gallieias Absurdas relembraram, enquanto se enxugavam de frente pra Pedra da Águia Caída, as três semanas de bairro-ópera videogame funk. Agora o ato final. A grande volta. Virtualmente, elas já estavam lá, por obra e graça do Cineasta Fantasma que, com os vídeos xamãs, craques hackers dos jogos mais pesados e bizarros, registrou e transformou em peça espetacular de cinema e vídeo, o desempenho das meninas, a distância, e o desempenho do bairro nas três semanas.

As meninas começam a se dirigir para o bairro-ópera. A noite desceu com vontade, e elas caminhando como num arrastão austero, com roupões cobrindo seus corpos, vestindo trajes mais curtos. Caminham e, claro, são alvos de olhares e olhares dos carros que passam. Ao fundo, se distanciando, a Águia Caída. À medida que se aproximam do bairro, aceleram o passo já em movimentação de ato dançante contínuo. Câmeras celulares em carros acompanham o ato contínuo, enquanto

pessoas hipnotizadas pelos edifícios murais serão despertadas pela performance das dançarinas fugitivas, enquanto as falas de Mauro Motor são transmitidas para elas como estímulos filosóficos, falas de vento motivacional. Furar com sua dança, com as imagens, com os sons, com o groove, com as imagens e pinturas, a placenta sufocante, cerejas vingativas, mas generosas, na sua missão de expandir o lugar de onde vieram. Dor e alegria juntas. Entrando no bairro, se espalhando como fadas fodas, entidades galhofeiras de todas as encruzilhadas. Elas entram no bairro, e o groove aumenta, o som das falas aumenta, a hipnose do mural surte mais efeito e, nas margens do canal, Transformers feitos de lixo não recolhido fascinam quem está por perto. Rapaziada plástica das escolas de samba atacando de novo no último instante. Todos largam o que estão fazendo, atraídos pela movimentação, e a quadra onde elas vão se apresentar funciona como um ímã, enquanto todos vão ouvindo o groove, as falas de Mauro, os reflexos da tinta hipnótica, tinta psiquiátrica, os monges do mega hair remanescentes da procissão cheia de acidentes. Os que agrediram as garotas, tempos atrás, estão enlouquecidos mesmo, de verdade, e nem chegam perto. Para esses e para outros mesquinhos, a ópera funcionou como veneno. Mas para a maioria, como bálsamo de enlevo, perturbação sacudindo a modorra. Todos se dirigiram para a quadra. Faquiras, Fuziliâminas e Gallielas Absurdas surgem de todos os lados e botam para quebrar na quadra. Nem os donos do território conseguiram impedir a viralização do ato final na quarta semana. Jornalistas chegaram junto e a Gardênia estava, definitivamente, tatuada no coração da mídia mundial.

Da urbanidade inquieta do planeta. Faquiras, Fuziliâminas, Gallielas Absurdas e seus comparsas guiados pela fúria anárquica religiosa de Mauro Motor.

Gardênia Tatuada.

Ficha técnica:

Autor: Fausto Fawcett
Coordenação editorial: Alessandra Castañeda
Ilustrações: Daniel Real
Designer: Ricardo Prema
Revisão de texto: Adriana Maciel
Produção gráfica: Márcio Lima

Realização: Jurubeba Produções
Patrocínio: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, através do edital Retomada Cultural RJ

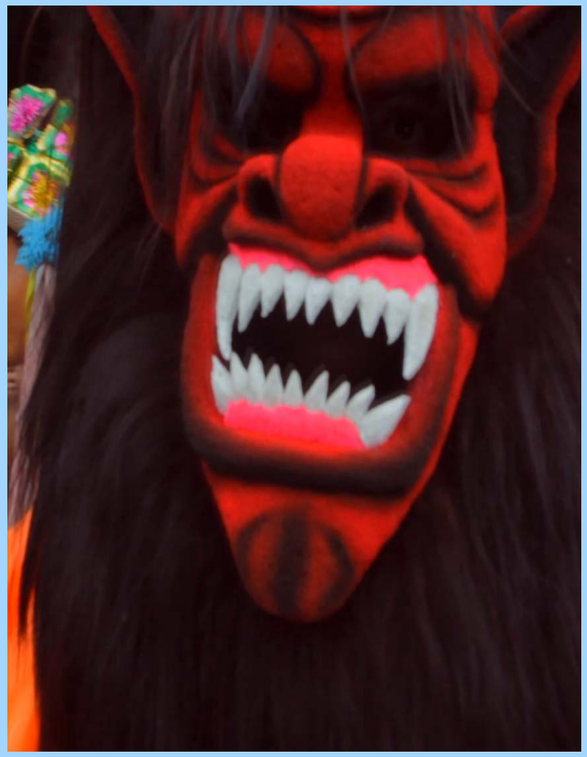
COPRODUÇÃO favela vertical
PRODUÇÃO Jurubeba
PATROCÍNIO Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

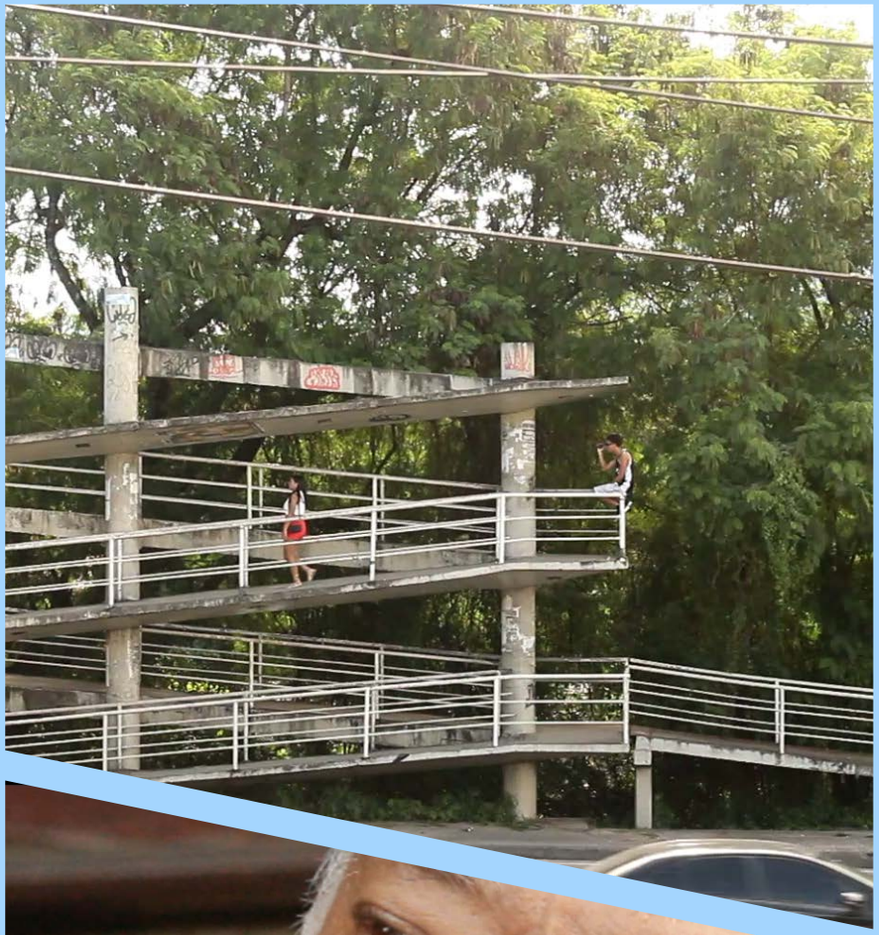
CRIAÇÕES ARTÍSTICAS

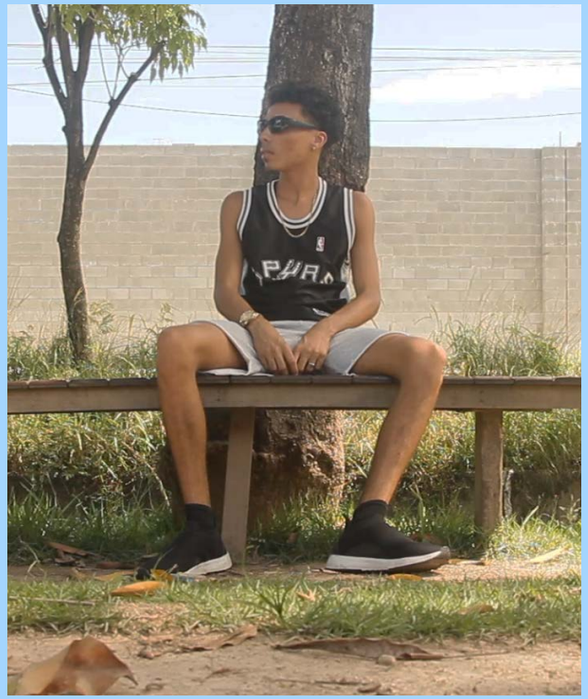
Sinopse

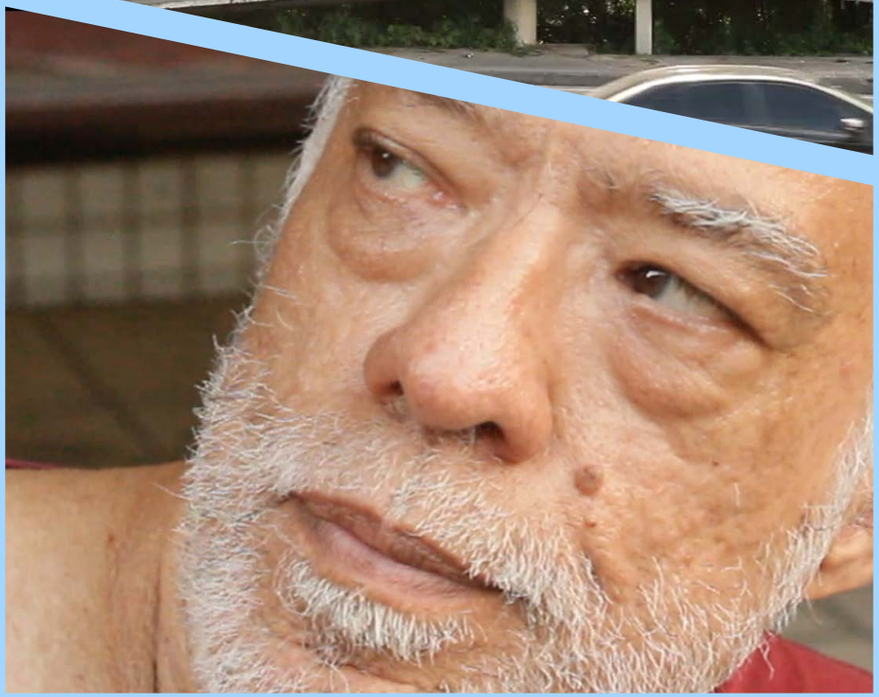
Em uma cidade, um jovem com uma câmera procura pelo ritmo estabelecido nas entrelinhas das ruas que permeiam os espaços que o mesmo transita.

Elenco: Fausto Fawcett e Vitor Senra / **Direção e Roteiro**: Sandro Garcia / **Produção:** Beatriz Rodrigues / **Fotografia**: Pedro Bittencourt e Sandro Garcia / **Direção de Som**: Pedro Bittencourt / **Edição e Montagem**: Sandro Garcia **Trilha Sonora**: Gambiarra Profana / **Composição da Trilha**: Sergio-SalleS-oigerS, Jonatan Magella, Vagner Vieira
Uma produção: BaixadaCine
Coprodução: Favela Vertical
Realização: Jurubeba
Patrocínio: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, através do edital RETOMADA CULTURAL RJ 2.



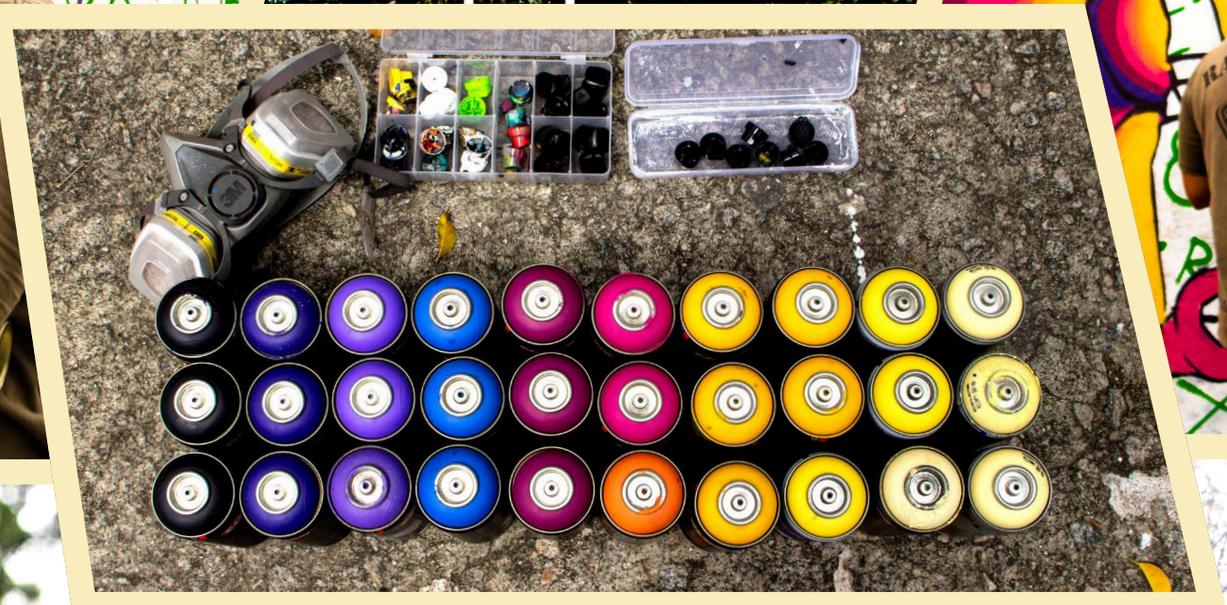




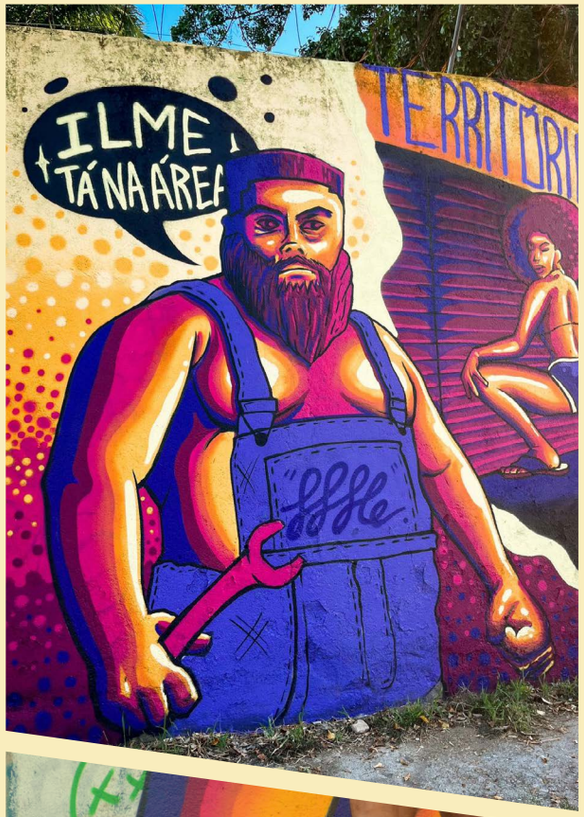


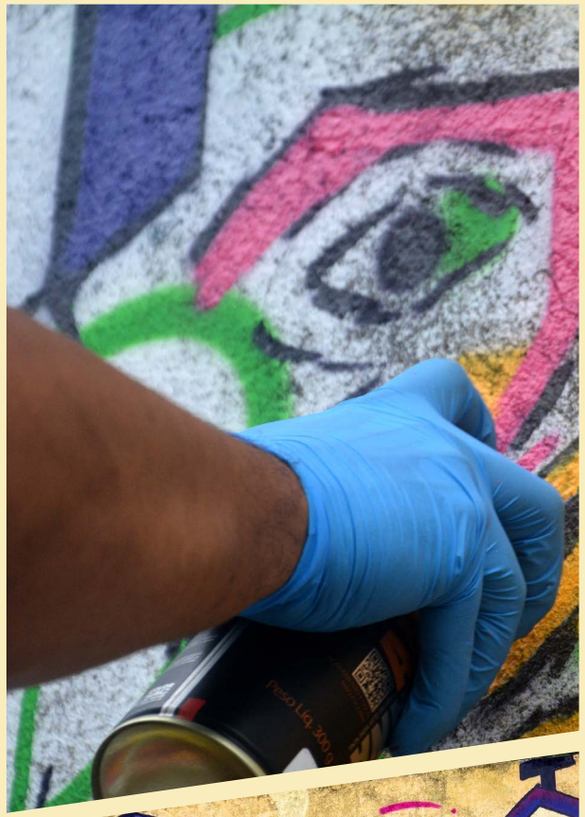
Coca-Cola
BOM PARA
O SEU BOLSO.

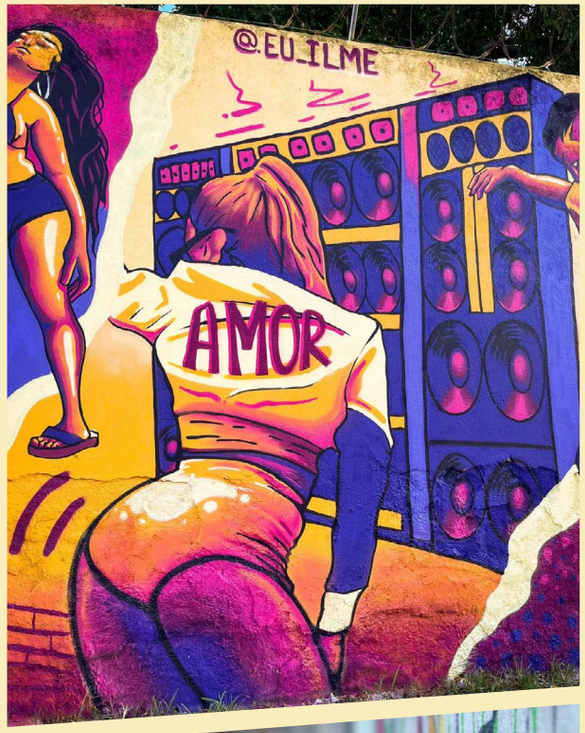
UBFBA
FAVELA VERT



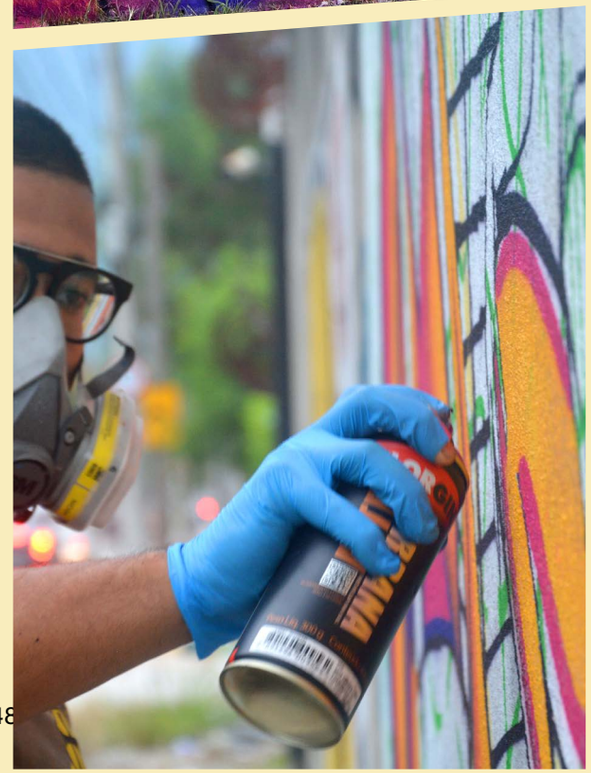
#%💀1$
JURUBEBA
FAVELA VER
ILME
TÁ NA ÁREA
AMOR
JURUBEBA

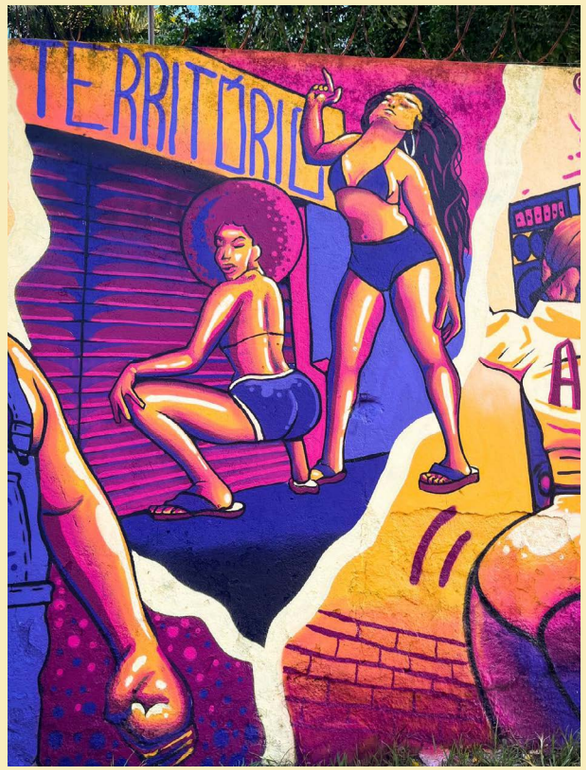

ILME
TÁ NA ÁREA
TERRITÓRI




@.EU_ILME
AMOR

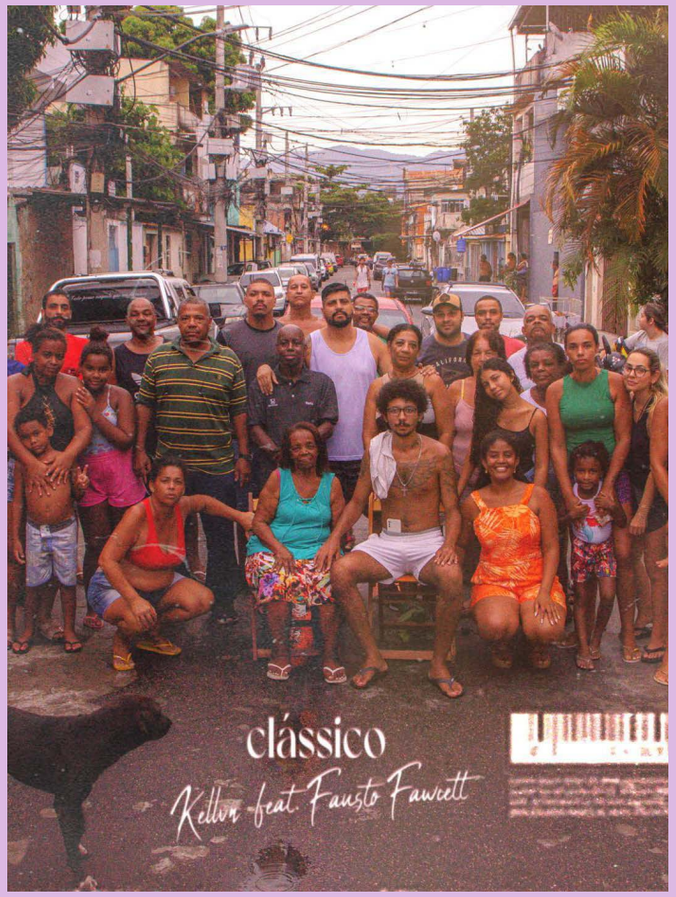
JURUBE




TERRITÓRIO

TERRITÓRIO
@EU_ILME
AMOR

clássico
Kellvin feat. Fausto Fawcett
REALIZAÇÃO
BCINE
COPRODUÇÃO
favela vertical
PRODUÇÃO
Jurubeba
PATROCÍNIO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



Composição:
Kellvin de Andrade

Intérpretes:
Kellvn, Fausto Fawcett

Participação especial:
Fausto Fawcett

Beat, Mix e Master:
DJ Betão

BATATA FRITA
CALABRESA

39
CARTAS

adidas

639

CITTÀ DI
VENEZIA

VENEZIA

30A

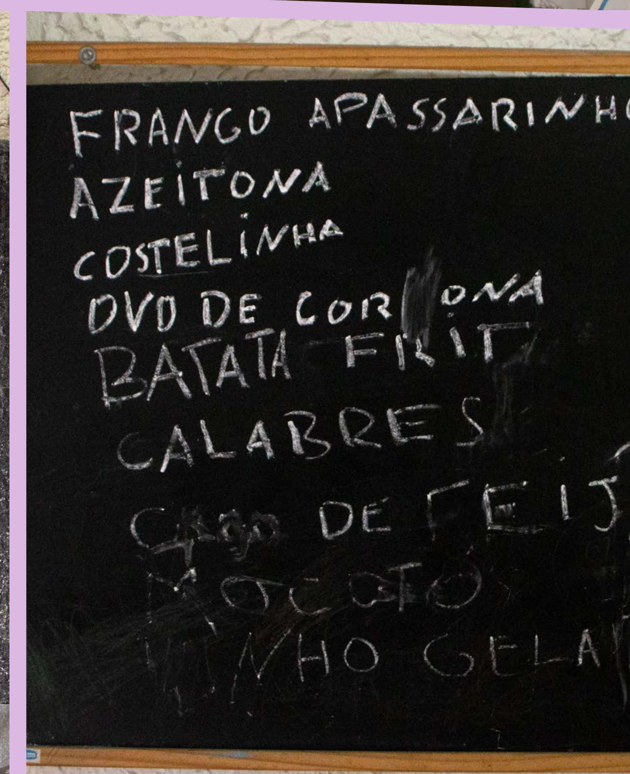
639

Rua
Arapoca

RIO
612

RUA
H
RENEGADOS
01/05/2003

ANGELA
E
BRAZ


FRANGO APASSARINHO
AZEITONA
COSTELINHA
OVO DE COR ONA
BATATA FRIT
CALABRES
DE FEIJÃ
NHO GELA

IMPRESSÕES TERRITORIAIS

Cris Lacerda

Educadore em História, Filosofia e Sociologia; presidente-fundadore da ONG Gardênia Azul Diversidade

Pessoa não-binárie; mestrande em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ), onde desenvolve pesquisa com o tema: "A violência LGBTQIA+fóbica nas cidades e as políticas públicas de combate à LGBTQIA+fobia", sob a orientação da professora Soraya Silveira Simões; educadore em História, Filosofia e Sociologia; ativista LGBTQIA+, presidente-fundadore da ONG Gardênia Azul Diversidade, participante da Frente LGBTQIA+ e palestrante da temática LGBTQIA+.

Ao final de 2019, trabalhou como voluntárie e, logo depois, como estagiárie na ONG "Grupo Conexão G de Cidadania LGBT de Favelas}", trabalhando também como assessore na CEDS-Rio, órgão que cuida das demandas referentes à população LGBTQIA+ do município do Rio de Janeiro. Atualmente, publicou dois artigos ("Os corpos LGBTI+ nos territórios segregados da cidade do Rio de Janeiro", 2020, e "O coronavírus e a população LGBTI+ de favelas", 2021) apresentados em congressos. Além de sua pesquisa de mestrado, tem feito uma série de palestras sobre a temática LGBQIA+ em espaços institucionais, sobretudo, em aparelhos da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro.

Gardênia Azul,
nosso território.

Nosso território sempre teve a fama de ser uma "comunidade tranquila", aqui existia uma cultura de rua muito forte, crianças brincando de jogar futebol, de soltar pipas, jogar bolinhas de gude e queimado, tinha muitos adultos conversando nas calçadas nos dias quentes de verão; havia também eventos de dias festivos, como Dia das Crianças e Natal, que tinham muita participação e era muito divertido. A cultura de "boa vizinhança" também era muito forte, todos tinham muita conexão, frequentavam as casas dos outros, se ajudavam mutuamente.

Com o passar do tempo vieram as ocupações irregulares e, no início da década de 1990, surgiu a Vila Nova Esperança, localizada entre o bairro e a avenida Ayrton Senna. O local era um grande laranjal de propriedade de Antônio Escalda e na época que os seus descendentes lutavam para recuperar o sítio embargado na Justiça, por falta de pagamentos de impostos, aconteceram as invasões sem que as autoridades tomassem qualquer decisão.

A Comunidade Novo Rio, mais conhecida como "Marcão", surgiu da ocupação de dois terrenos do engenheiro Paulo Danilo Farina, detalhadamente planejada e iniciada em 2001, cujo fundador e ex-líder comunitário foi Marco Aurélio França Moreira, assassinado em 14 de Janeiro de 2009, dando nome ao local.

No Canal do Anil surgiu a favela do Chico City, fruto da expansão de uma antiga comunidade de pescadores, com muitos barracos beirando o canal.

Ao longo dos últimos 20 anos, devido ao processo de especulação imobiliária impulsionada pelas milícias e a migração da população mais pobre, principalmente a nordestina, e de refugiados de outros países, a comunidade chegou à dimensão atual, com cerca de mais de 500 residências constituídas por pequenas moradias tipo quitinete e vários estabelecimentos de pequeno comércio.

Segundo alguns moradores que vivem no local há mais de 40 anos, as coisas simples do bem-viver em comunidade se perderam, devido à violência imposta pela força das armas dos milicianos e dos constantes tiroteios que tem tirado a tranquilidade dos moradores da comunidade. Há pelo mais de um mês nossa comunidade é alvo de disputa entre integrantes da milícia e do Comando Vermelho, aqui o clima de guerra na disputa entre os dois grupos pelo controle da localidade traz, como sempre trouxe, o medo às pessoas que residem em localidades conflagradas.

Para mitigar este triste quadro que assola nosso território, foram criados diversos projetos culturais, no qual destaco o projeto TerritóRio, que a partir da criação de artes urbanas, linguagens artísticas (painéis de graffiti, música e curta-metragem), laboratórios, trocas experimentais e vivências coletivas, vem disputar os jovens que são os alvos de recrutamento desse poder paralelo. Portanto, cabem aos projetos sociais como este, o papel de disputar nossos jovens, para que as pessoas acreditem na comunidade do Gardênia Azul na potencialidade real da nossa gente e para gerar neles o pertencimento à esta comunidade, que é algo que precisamos resgatar.

BRASIL

ORDEM E PROGRESSO

627
ANGELA
E
BRAZ

NENZÃO
NP
ZENI
MAR E FÉ
EDUARDO
BIRA
GATO
BETA
BOX 33

EXPLICADORA
DO JARDIM AO ENSINO MÉD

SAUDIS!

OLIVEIRA

222
BRAHMA
21 96099-7210
21 98070-3762
Isis
@botecoerestauranteisis
BRAHMA
OLIVEIRA ADVOGADOS

DAVI'S MODAS
asics
asics
DAVI'S MODAS

Gardênia Azul

Surge das terras do Engenho D'Água, antigamente, chamado de "Engenho da Tijuca", que Salvador Correia de Sá e Benevides recebeu como herança de seu pai, Martim de Sá. Graças à pequena capela ali erigida, em 1616, por Rodrigo da Veiga, foi também conhecido por "Engenho de Nossa Senhora da Cabeça de Jacarepaguá". O território passou por muitos donos; todos, porém, eram da família Correia de Sá.

Posteriormente, por ter encontrado dificuldades financeiras através da ascensão do café e a queda do açúcar, suas terras sofreram fragmentação, onde parte delas passou a pertencer ao Comendador Pinto (proprietário de vastas terras em Jacarepaguá; engenhos da Taquara e de Fora). Com o fim do morgadio, instituído por João Correia de Sá e Benevides, o Engenho D'Água seria a última propriedade dos Correia de Sá na Baixada de Jacarepaguá. Quando o comendador Pinto faleceu, todas as suas propriedades passaram ao seu filho, Francisco Pinto da Fonseca Teles – o Barão da Taquara. Sua casa-grande, localizada no entroncamento das avenidas Ayrton Senna e Tenente-Coronel Muniz de Aragão (Estrada do Capão), é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de propriedade dos descendentes do Barão da Taquara-IPHAN.

Em 1953, Padilha (grande proprietário de terras na região entre as estradas do Engenho D'Água e a Avenida Tenente-Coronel Muniz de Aragão) loteou as suas terras, dando o nome das suas plantas preferidas aos loteamentos: Vitória-Régia (junto à Estrada Engenho D'Água) e Gardênia Azul (no final da Estrada do Capão). Na década de 1960, foi implantado o loteamento, com acesso pelas estradas do Capão e do Engenho D'Água. O atual núcleo do bairro foi criado na gestão do governador Negrão de Lima, voltado para a estrada do Capão.

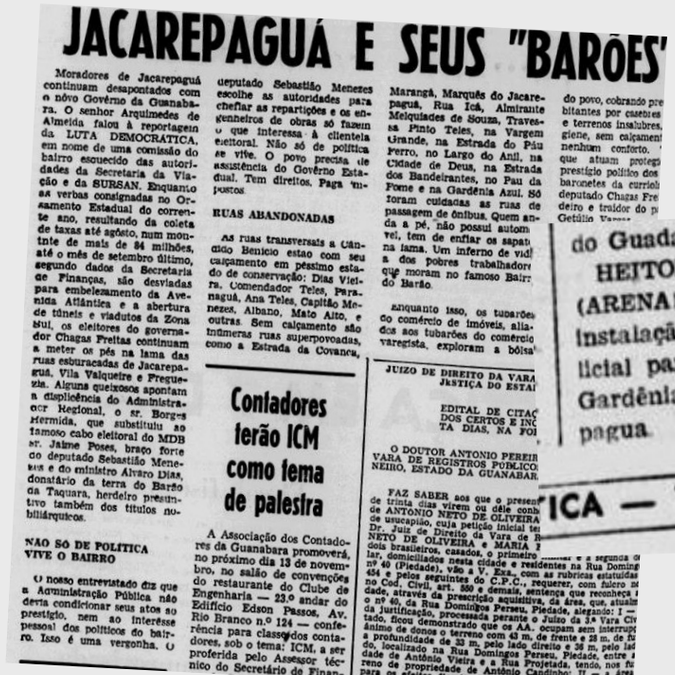
Fonte: ESTUDO SOBRE ENTORNO DO CANAL DO ANIL – GARDÊNIA AZUL. Caderno de pesquisa e propostas projetuais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Projeto Final de Graduação do curso de Composição Paisagística – EBA. Professora Orientadora: Dra. Virgínia Vasconcellos. Alunos: Denerson Jacob, Joyce Pereira, Karla Cerqueira

A Baixada de Jacarepaguá

Durante a primeira metade do século XX, a região, que durante o século XIX viu as anileiras serem substituídas por cafezais, passou a ter suas grandes propriedades rurais parceladas. E com o desmembramento das antigas fazendas, cujos pedaços foram pouco a pouco abocanhados por especuladores imobiliários e construtoras, surgiram inúmeros loteamentos que contribuíram para o formato atual do bairro.

Estas iniciativas pretendiam atrair uma classe média que pudesse investir em casas de veraneio ou que pudesse morar distante do grande centro urbano e, utilizando carros para seu deslocamento, não teriam dificuldade no deslocamento casa-trabalho.

Fonte: Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.



JACAREPAGUÁ E SEUS "BARÕES"

Moradores de Jacarepaguá continuam desapontados com o novo Govêrno da Guanabara. O senhor Arquimedes de Almeida falou à reportagem da LUTA DEMOCRÁTICA, em nome de uma comissão do bairro esquecido das autoridades da Secretaria da Viação e da SURSAN. Enquanto as verbas consignadas no Orçamento Estadual do corrente ano, resultando da coleta de taxas até agôsto, num montante de mais de 84 milhões, até o mês de setembro último, segundo dados da Secretaria de Finanças, são desviadas para embelezamento da Avenida Atlântica e a abertura de túneis e viadutos da Zona Sul, os eleitores do governador Chagas Freitas continuam a meter os pés na lama das ruas esburacadas de Jacarepaguá, Vila Valqueire e Freguesia. Alguns queixosos apontam a displicência do Administrador Regional, o sr. Borges Hermida, que substituiu ao famoso cabo eleitoral do MDB sr. Jaime Poses, braço forte do deputado Sebastião Menezes e do ministro Álvaro Dias, donatário da terra do Barão da Taquara, herdeiro presuntivo também dos títulos nobiliárquicos.

NÃO SO DE POLITICA VIVE O BAIRRO

O nosso entrevistado diz que a Administração Pública não deveria condicionar seus atos ao prestígio, nem ao interêsse pessoal dos políticos do bairro. Isso é uma vergonha. O deputado Sebastião Menezes escolhe as autoridades para chefiar as repartições e os engenheiros de obras só fazem o que interessa à clientela eleitoral. Não só de política se vive. O povo precisa de assistência do Govêrno Estadual. Tem direitos. Paga impostos.

RUAS ABANDONADAS

As ruas transversais a Cândido Benício estão com seu calçamento em péssimo estado de conservação: Dias Vieira, Comendador Teles, Paranaguá, Ana Teles, Capitão Menezes, Albano, Mato Alto, e outras. Sem calçamento são inúmeras ruas superpovoadas, como a Estrada da Covanca, Marangá, Marquês do Jacarepaguá, Rua Icá, Almirante Melquiades de Souza, Travessa Pinto Teles, na Vargem Grande, na Estrada do Pau Ferro, no Largo do Anil, na Cidade de Deus, na Estrada dos Bandeirantes, no Pau da Fome e na Gardênia Azul. Só foram cuidadas as ruas de passagem de ônibus. Quem anda a pé, não possui automóvel, tem de enfiar os sapatos na lama. Um inferno de vida a dos pobres trabalhadores que moram no famoso Bairro do Barão.

enquanto isso, os tubarões do comércio de imóveis, aliados aos tubarões do comércio varegista, exploram a bôlsa do povo, cobrando preços bitantes por casebres e terrenos insalubres, giene, sem calçamento nenhum conforto. que atuam protegi prestígio político dos baronetes da curriol deputado Chagas Freideiro e truidor do p Getúlio Vargas

Contadores terão ICM como tema de palestra

A Associação dos Contadores da Guanabara promoverá, no próximo dia 13 de novembro, no salão de convenções do restaurante do Clube de Engenharia — 23.º andar do Edifício Edson Passos, Av. Rio Branco n.º 124 — conferência para classe dos contadores, sob o tema: ICM, a ser proferida pelo Assessor técnico do Secretário de Finan-

JUIZO DE DIREITO DA VARA JUSTIÇA DO ESTA

EDITAL DE CITAÇ DOS CERTOS E INC TA DIAS, NA FO

O DOUTOR ANTONIO PEREIR VARA DE REGISTROS PUBLICO NEIRO, ESTADO DA GUANABAR

FAZ SABER aos que o presen de trinta dias virem ou dêle conh de ANTONIO NETO DE OLIVEIRA de usucapião, cuja petição inicial te Dr. Juiz de Direito da Vara de R NETO DE OLIVEIRA e MARIA dois brasileiros, casados, o primeiro lar, domiciliados nesta cidade e residentes na Rua Doming 454 e pelos seguintes do C.P.C., requerer, com fulcro n do Cod. Civil, art. 550 e demais, sentença que reconhe cade, através da prescrição aquisitiva, da área, que, atualm nº 40, da Rua Domingos Perseu, Piedade, alegando: I — da justificação, processada perante o Juízo da 2ª Vara Cí tado, ficou demonstrado que os AA. ocupam sem interrup ânimo de donos o terreno com 43 m. de frente e 28 m. de fu profundidade de 32 m, pelo lado direito e 26 m. pelo lad do, localizado na Rua Domingos Perseu, Piedade, entre dade de Antônio Vieira e a Rua Projetada, tendo, nos fu reno de propriedade de Antônio Candinho; II — a área para os efeitos fiscais, no Estado da Guanabara sob o n

do Guadalupe

HEITOR FURTADO ..... (ARENA) — Solicitando a instalação de um pôsto policial para o loteamento de Gardênia Azul, em Jacarepagua.

ICA — 17-4-1971

Jacarepaguá — O presidente da Associação Pró-Melhoramento do Parque Gardênia Azul, Pedro Pádua, convida os diretores para a eleição da diretoria na próxima quinta-feira, na Rua Peróba, 378. A eleição será disputada pelas chapas vermelha e azul. A primeira tem como concorrentes Emanuel Machado de Souza, enquanto que a segunda é encabeçada por Altivo Moreira de Pádua.

Govêrno da GB vai às suas administrações

O sr. Rafael de Almeida Magalhães, secretário do govêrno do Estado, estêve reunido com o conselho de coordenadores da administração regional de Vila Isabel e ouviu, individualmente, todos os problemas em cada setor. Enquanto isso, em Jacarepaguá, a administração regional pretende urbanizar uma favela; na Lagoa, foi empossado o Conselho Regional da administração e na Ilha do Governador vem sendo feito um levantamento para a distribuição dos alimentos do programa Aliança para o Progresso

JACAREPAGUA

★ A administração regional e engenheiros do Departamento de Urbanismo fizeram uma inspeção no Bairro Gardênia Azul, onde existe uma favela com 2.300 moradores, para estudar os projetos de urbanização daquela área.

No projeto proposto pela administração regional constam os seguintes itens:

1) — o proprietário do terreno onde se acha a favela deve realizar as obras de urbanização; 2) — essas obras devem ser fixadas em função do resultado financeiro da venda dos lotes vagos e do reinício do pagamento dos lotes vendidos, para- algum tempo; 3) — tenham seus títulos de propriedade e, com êles, garantia para efetuar os pagamentos das prestações; 4) — o govêrno providenciaria, também, a curto prazo, para que água e luz cheguem até às portas do loteamento.

★ Começarão na próxima semana as obras de ampliação do Cemitério de Jacarepaguá, que deverão ficar prontas dentro de 20 dias. Para isso, o Departamento de Limpeza Urbana vai emprestar um trator à administração regional.

★ As barracas de peixe, que funcionam nas calçadas de Jacarepaguá, serão deslocadas para o fundo dos terrenos, por não terem licença para funciona-

govêrno é desburocratizar descentralizar a administração estadual, o sr. Rafael de Almeida Magalhães, secretário do govêrno, empossou o conselho regional da administração da Lagoa.

O conselho é formado por 1 membros indicados pelas associações de moradores, clubes pelo comércio e pela indústria da região.

★ A administração da Lagoa iniciou a limpeza mecânica das galerias de águas pluviais da praça Santos Dumont e logradouros adjacentes. Também já está funcionando o pôsto de trocas de certificados do concurso Seu Talão Vale Um Milhão, instalado na sede da administração regional, à avenida

Jardim Gardênia Azul não tem água encanada

Esteve em nossa redação uma comissão de moradores do Jardim Gardênia Azul, em Jacarepaguá, queixando-se de que não há água encanada no local, onde residem mais de seis mil pessoas, que se valem de poços e de uma bica instalada na via pública, que fornece o líquido precioso uma vez por semana, formando-se filas quilométricas.

Esclareceram os reclamantes que já existem as instalações nas ruas, feitas pela CEDAG, não entendendo-se porque a água não chega às residências, muito embora continuem sendo feitos abaixo-assinados e apelos verbais a quem de direito.

Por fim, disseram que lá compareceu, domingo passado, o deputado Edson Khair, a convite dos moradores, inteirando-se do problema e propondo-se a interferir junto às autoridades competentes, visando a solução da questão.

AVISO

EM JACAREPAGUÁ - FREGUESIA

A TERRITORIAL PAN-AMERICANA LTDA. comunica que, a partir desta data, esta aceitando reservas do grande lançamento de vendas que faz do "PARQUE GARDENIA AZUL", no melhor ponto de Jacarepaguá, no Largo do Anil, junto a Freguesia, com bonde, ônibus e lotação, com urbanização completa, ruas asfaltadas, meios-fios, água, telefone, etc., etc.

PREÇO EXCEPCIONAL DE CR$ 56.000,00 EM 100 PRESTAÇÕES MENSAIS DE CR$ 560,00, SEM ENTRADA E SEM JUROS

A Melhor Aplicação de Capital no Momento — Valorização Imediata

CONCESSIONÁRIA EXCLUSIVA DO EMPREENDIMENTO:

Territorial Pan-Americana Ltda.

AVENIDA RIO BRANCO, 120 – Sobreloja – Sala 11, – Telefone: 22-0464

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

AVENIDA RIO BRANCO, 151, 11.º – Grupo 1110/11 – Telefone: 52-1781

Jacarepaguá

Jacarepaguá é um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Baixada de Jacarepaguá, entre o Maciço da Tijuca e a Serra da Pedra Branca. Um bairro em processo de desmembramento, importantes áreas do que sempre se entendeu, historicamente, como a parte principal de Jacarepaguá, com o tempo foram se desmembrando e tornando-se bairros próprios, como é o caso dos bairros Gardênia Azul, Anil, Curicica, Cidade de Deus, Freguesia, Pechincha, Praça Seca, Tanque e Taquara, que junto com Vila Valqueire, fazem parte da XVI Região Administrativa (R.A.) - Jacarepaguá - do município do Rio de Janeiro.

O que restou do antigo bairro de Jacarepaguá hoje são inúmeras localidades com nomenclaturas próprias, em geral, loteamentos ainda recentes e que não foram ainda oficializados como bairros pela prefeitura, além da área onde está o Autódromo e o Riocentro.

"Jacarepaguá" é um termo tupi que significa "enseada do mar de jacaré", através da junção dos termos îakaré ("jacaré"), pará ("mar") e kûá ("enseada").

A História de Jacarepaguá começou em 1567, dois anos após a fundação da cidade do Rio de Janeiro, quando Salvador Correia de Sá assumiu o cargo de primeiro governador da nova cidade e concedeu a dois auxiliares da administração, Jerônimo Fernandes e Julião Rangel, as terras de Jacarepaguá. Porém, Jerônimo e Julião nunca tomaram posse das Sesmarias concedidas. Mais tarde, em 1594, o governador Salvador Correia de Sá revogou o ato anterior e doou as Sesmarias para seus filhos Gonçalo e Martim. A data da carta de concessão é de 09 de setembro de 1594. Os dois irmãos iniciaram a colonização de Jacarepaguá, principalmente Gonçalo. Martim dedicou-se mais à política. Foi governador do Rio de Janeiro, em dois períodos, no início do século XVII. Martim casou-se com a espanhola María de Mendoza e Benevides. Desta união, surgiu a dinastia Sá e Benevides de grande importância na história de Jacarepaguá, principalmente, seus sucessores: os Viscondes de Asseca.

Nas primeiras décadas do século XVII, Gonçalo fundou o engenho do Camorim e, dentro do engenho, a capela de São Gonçalo do Amarante, que ainda existe nos dias de hoje. No mesmo período, surgiram outras edificações na atual Freguesia que perduram até hoje: a Sede do Engenho D'Água e a Igreja de Nossa Senhora da Pena, no alto da Pedra do Galo. Na época, essa região de Jacarepaguá, já possuía razoável povoamento, em virtude dos diversos arrendamentos feitos pelos Correia de Sá.

Jacarepaguá era a região da cidade com mais engenhos de açúcar da época colonial. Os principais eram o Engenho da Taquara, o Engenho Novo (atual Colônia Juliano Moreira), Engenho do Camorim, Engenho D'Água, Engenho da Serra (atual da estrada do Pau Ferro e as encostas da serra da atual Estrada Grajaú-Jacarepaguá) e Engenho de Fora (atual região da Praça Seca).

Durante todo o período imperial, os meios de transportes eram as carroças, carruagens, tropas de cargas e montaria individual a cavalo. Os habitantes de Jacarepaguá tinham que enfrentar a poeirenta Estrada Real de Santa Cruz, para alcançar a cidade. Em 1858, o trem chegou à Cascadura, logo depois, em 1875, o Bonde puxado a burro ligava Cascadura, Freguesia e Taquara. Foi a maior revolução para o povo de Jacarepaguá. A distância entre a região e a cidade diminuiu bastante. O trem, movido a carvão, (a famosa Maria-Fumaça), tinha velocidade espantosa para a época.

Para além dos aspectos geográficos e naturais, vigoravam antigas atividades econômicas (agricultura, pesca, pecuária), formas de sociabilidade (vendas, armazéns, festas religiosas) e os agentes sociais que viviam na região.

O século XX chegou quando a República tinha onze anos. Jacarepaguá continuava agrícola. Mas o café perdia completamente o seu domínio. A atividade granjeira iniciava a sua presença em Jacarepaguá, juntamente com o novo século. As chácaras se multiplicavam, a cada ano, para abastecer o mercado do Centro e das outras partes próximas da cidade, que, na época, já possuíam aspectos bem urbanos. Jacarepaguá, apesar de ser bastante rural, não abdica de acolher as novidades do progresso.

A transformação do Bairro de Jacarepaguá, mudando completamente a fisionomia agrícola que vinha dos tempos coloniais, começou a acontecer a partir da década de 1970, com a formação de grandes indústrias. Surgiram os enormes conjuntos residenciais e os loteamentos legais e clandestinos. Assim, a população cresceu, fazendo de Jacarepaguá uma “cidade grande” dentro do Rio, com todos os problemas inerentes dos intensos centros populacionais.

Fonte: @jacarepaguaonline

Ficha técnica

Direção geral e Curadoria:
Alessandra Castañeda

Direção artística:
Alessandra Castañeda e Fausto Fawcett

Coordenação:
Beatriz Rodrigues, Rafael Oliveira,Sandrin de Bel (Sandro Bernardo Garcia)

Registro de fotos e vídeos:
1demarsso

Programação visual:
Daniel Real, Ricardo Prema

Ilustrações:
Daniel Real

Produção e mídias:
João Eliel

Cenotécnica:
Dodô Giovanetti e Ney Silveira

Produção gráfica:
Márcio Lima

Acessibilidade | LIBRAS:
Juliete Viana

Revisão de texto:
Adriana Maciel

Monitoria:
Elaine Rosa

Prestação de contas:
Daniel Araujo

Artistas:
Fausto Fawcett (conto literário “Gardênia Tatuada”)
Baixada Cine (curta-metragem “Cidade Experimento”)
ILME (painel de graffiti “Gardênia”)
Kellvn (música “Clássico”)

Locais da exposição:
Espaço Cultural Escola SESC
Casinha Lanchonete Lanchonete
Centro Cultural Donana

Realização:
Jurubeba Produções

Coprodução:
Favela Vertical

Parceria:
Baixada Cine

Patrocínio:
Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, através do edital Retomada Cultural RJ 2

Agradecimentos:
Leonardo Minervini, Desirée Simões Silva, Thelma Vilas Boas, Dida Nascimento, Adilson Lopes de Araujo, Clara Castañeda de Araujo, Roberta Motta, Sérgio Bonadiman, Carlinhos (SESC).

COPRODUÇÃO

favela vertical

PRODUÇÃO

Jurubeba

PATROCÍNIO

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO